

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL - CAMPUS FELIZ**

ARYELI DE OLIVEIRA DA COSTA ORTIZ

**CAROLINA MARIA DE JESUS E PRETA FERREIRA: A ESCRITA
NEGRA COMO DENÚNCIA E LIBERTAÇÃO**

**FELIZ
2022**

ARYELI DE OLIVEIRA DA COSTA ORTIZ

**CAROLINA MARIA DE JESUS E PRETA FERREIRA: A ESCRITA
NEGRA COMO DENÚNCIA E LIBERTAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras – Português e Inglês pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Feliz. Orientadora: Profa. Dra. Izandra Alves

**FELIZ
2022**

DEDICATÓRIA

Primeiramente, agradeço a Carolina Maria de Jesus e Preta Ferreira, por me emprestarem suas palavras, para que eu pudesse contar as suas histórias.

Agradeço, aqui, minha família, amigos e a minha companheira, os quais acompanharam minha jornada e fazem parte da minha luta. Não se faz revolta sozinha.

Agradeço à minha Orientadora, Izandra Alves, a qual me auxiliou para que fosse possível conceber esse trabalho, pelo seu acalento nessa jornada.

Agradeço às demais vozes negras, as quais utilizo para arquitetar minhas palavras neste trabalho.

Agradeço as pessoas da instituição IFRS Campus - Feliz, principalmente as mulheres que acolheram desde o primeiro dia, Michele, Camila e Lilian, as quais me orientaram a construir essa jornada tão linda e tão significativa e que tenho a honra de trabalhar em tantos projetos.

Por fim, agradeço a mim, pelo caminho escolhido, me tornando parte dessa luta tão importante em defesa das mulheres e da população negra.

De gente humilde, racializada e marginalizada, são retiradas todas as ferramentas para criarem e produzirem suas próprias narrativas, até mesmo a consciência de que possuem capacidade para criarem lhes é tomada, como estratégia de domínio (COLLINS, 2016), tornando as suas narrativas sempre reféns do olhar do outro,, que é hegemônico, minimizador, racista e sexta. (SOUZA, ALVES, RAMOS, p.60, 2022)

Esta língua e esta raça não são minhas, mas agora eu as uso para luta. (NASCIMENTO, p.108, 2019)

RESUMO

A partir da necessidade de pensar sobre a escrita de mulheres negras em nosso país e o silenciamento que atravessam, para além das questões de gênero, cor e condição na esfera social, esta pesquisa nasceu. Assim, o presente trabalho tem por objetivo apresentar o estudo realizado com as obras *Quarto de Despejo* (2021), de Carolina Maria de Jesus e *Minha carne: diário de uma prisão* (2019), de Preta Ferreira. Partindo de uma análise exploratória de cunho bibliográfico, comparamos as duas obras a partir de elementos de aproximação e distanciamentos. A literatura escrita por meio de diários pessoais e pelas mãos destas mulheres são parte da história da população negra brasileira, a qual desde muito é impelida para espaços como as favelas, ocupações e prisões. Por meio de análise dos textos de forma que a pesquisa articulasse as palavras de Carolina e de Preta com os espaços físicos como forma de registrar que esses vocábulos não apenas compõem os dois livros, mas são registros de histórias, memórias e afetos que ali ocorreram e, assim, reforçam o uso dos diários como forma de escrita de si e também como representação de uma coletividade. O estudo analisa, ainda, o fato de que as duas escritoras, embora estejam distantes no tempo, vivenciam dores e angústias comuns a mulheres negras de todos os tempos. Assim, trazer à tona seus testemunhos através das páginas dos diários é acolher as suas denúncias e fazer com que sejam ouvidas. Fazer ecoar suas vozes na academia é uma forma de acolher a diversidade e a potência de suas escritas.

Palavras-chave: Diário. Escrita. Mulheres negras. Prisão. Favela.

ABSTRACT

Due the necessity of thinking about black women's writing in our country and the silencing they've always endured, in addition to gender, color and their social position matters, this research was born. It has as objective to show the study conducted with the literary works "Quarto de Despejo" (1960), by Carolina Maria de Jesus and "Minha carne: diário de uma prisão" (2019), by Preta Ferreira. From an exploratory bibliographic analysis both works are compared based on elements of approximation and distancing between the stories. It aims to explain the using of diaries as a form of writing about oneself and also as a representation of a collectivity. The study also analyzes the fact that both writers, although distant in time from one another, live sorrows and anguishes common to black women of all times. Thereby, bringing their testimonies to light through the diaries pages is to accept their grievances and complaints and make them heard. Beyond that, to make their voices echo in and through the Academy is a way of welcoming the diversity and power of their writings.

Keywords: Diary; Writing; Black Women, Prison, Slums.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. PROCESSO METODOLÓGICO – COMO ADENTRAMOS NO QUARTO DE DESPEJO	11
3. GÊNEROS TEXTUAIS E A CONSTRUÇÃO DE DIÁRIOS	14
3.1 A escrita autobiográfica	14
3.2 A identificação do diário como gênero textual	17
3.3 A construção do narrador-personagem	18
4. CAROLINA MARIA DE JESUS E A ESCRITA QUE ABRE AS PORTAS DO QUARTO DE DESPEJO	21
4.1 Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo	21
4.2 Carolina Maria de Jesus como escritora	24
4.3 Como nos toca a escrita de Carolina	26
4.4 O reconhecimento na atualidade	27
4.5 O que e como nos fala Carolina Maria de Jesus	29
5. PRETA FERREIRA E SEU DIÁRIO: A PRISÃO COMO QUARTO DE DESPEJO	32
5.1 Preta Ferreira e a (in)justiça brasileira	32
5.2 Mulheres (CanCELAdas): a história narrada desde dentro do despejo	36
5.3 Os registros de Preta Ferreira em 108 dias como reeducanda	39
6. A FAVELA, A RUA E A PRISÃO - OS QUARTOS DE DESPEJO DO BRASIL	43
6.1 Transitar entre o quarto de despejo e a sala de visitas: da favela à cidade, da ocupação ao centro e da prisão à liberdade	44
6.2 A divisão racial dos espaços	45
6.3 A escrita dos mundos de Carolina e Preta	49
6.4 A escrita urgente e reveladora	53
6.5 A liberdade do ir e vir e a liberdade da existência	57

7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

1. INTRODUÇÃO

Quando há uma necessidade de registro individual e íntimo, um dos recursos literários mais comuns é a escrita de um diário. Este gênero está presente em nossa história há muitos anos. Os relatos pessoais serviram como documentos de registros em momentos históricos, como na era das navegações, em que muitas descobertas e invasões foram registradas pelos diários de bordo. Mas, além de serem utilizados como documentos, há um ponto importante na popularização do ato da escrita em diário: há um quê de intimidade, de confiança em escrever acontecimentos, pensamentos e até sentimentos (bons ou ruins) em folhas de papel. Durante o momento da escrita é como se as páginas acolhessem quem escreve, garantindo que não haverá disseminação do que foi registrado.

Porém, há quem utilize esse recurso para registrar acontecimentos de sua vida que não podem ser ditos nem ouvidos no momento que desejam. Carolina Maria de Jesus, uma mulher pobre que viveu na favela do Canindé, na cidade de São Paulo, escrevia seu diário em cadernos velhos, contando seu dia a dia de sobrevivência e, ao mesmo tempo, denunciava as injustiças sociais ocorridas em nosso país, focalizando em sua história individual que, ao mesmo tempo, é uma história coletiva. Seus escritos foram publicados, traduzidos para diversos países e ainda carregam o legado de Carolina até os dias de hoje. Mas, porque as palavras de uma mulher preta e pobre seriam tão importantes para ganhar o mundo? Por que, ao ler as suas palavras, parece que estamos conhecendo o Brasil de hoje, e não dos anos 1950? Como Audálio Dantas, repórter que auxiliou Carolina na publicação de seus textos, diz na introdução do livro *Quarto de Despejo* (1960), “A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história - a visão de dentro da favela”.

Já Preta Ferreira, utilizou o diário como ferramenta para escrever como foi a injusta prisão que sofreu no ano de 2019 e as realidades das mulheres que também estão lá. Em *Minha carne: diário de uma prisão*, acompanhamos os 108 dias mais longos da vida de Preta, quando ficou presa na Penitenciária Feminina de Santana, localizada na cidade de São Paulo. Preta é uma das referências em nosso país na luta das ocupações por moradia digna, construindo o Movimento Sem-teto do Centro

(MSTC). A sua luta e sobrevivência, foram como uma ameaça aos retrocessos ocorridos em nosso país, especialmente naquele ano. Para além de poder acompanhar a sua trajetória como reeducanda naquela prisão, também nos apegamos às histórias das demais presas de Santana. Diferente de Carolina, as palavras de Preta são carregadas de uma leitura do mundo real, principalmente sobre a perspectiva racial.

Nesse sentido, este trabalho de pesquisa bibliográfica objetiva compreender a escrita destas duas mulheres como forma de registro e libertação, identificando e comparando os espaços físicos, sociais e as realidades por elas vivenciadas. A justificativa para a escolha do tema é dar destaque às vozes de mulheres negras do nosso país, as quais, na maioria das vezes, são silenciadas ou apagadas pelas narrativas brancas e patriarcais. Assim, as vozes negras que destacamos aqui utilizam-se da narrativa para contar suas próprias histórias, assim como denunciar as injustiças sociais que ainda ocorrem no Brasil.

Deste modo, em um primeiro momento, o trabalho aborda o gênero textual diário e os textos autobiográficos. Destaca-se o modo de criação/elaboração, partindo da escrita, narrativa e da construção do narrador-personagem. No Segundo capítulo, é feita a análise do texto *Quarto de despejo* (2001), escrito por Carolina Maria de Jesus, buscando compreender a sua vida como favelada, na favela do Canindé, sua identidade como mulher negra, bem como sua escrita e também seu reconhecimento como escritora. No terceiro capítulo, busca-se a análise da obra *Minha carne: diário de uma prisão* (2019), escrito por Preta Ferreira. Nesta parte, é destacado o envolvimento da autora com as ocupações na cidade de São Paulo, a prisão injusta ocorrida em 2019 e a escrita do seu diário nos 108 dias de cárcere. Por fim, no quarto capítulo, é realizada a comparação entre os espaços geográficos, as liberdades de ambas escritoras e como são vistas as mulheres negras e a população pobre em nosso país, assim como a escrita destes diários fez as suas histórias terem grande proximidade.

Estas duas mulheres, que em comum possuem a pele de cor escura, a luta pela sobrevivência e o espaço geográfico da cidade de São Paulo, traçaram caminhos distintos, mas que as proximidades são importantes registros para a luta das mulheres e dos homens negros. Para além disso, a escolha do formato de diário, aproxima o leitor do mundo das escritoras, através da escrita, pois o

coloca dentro do dia a dia que vivenciaram, envolvendo-o pelos detalhes e, principalmente, mostrando de forma crua o lado cruel e amargo que é viver sob o racismo e a pobreza em nosso país pela narrativa das mulheres negras. Como destacam Maura Sandra da Silva Nascimento e Cíntia Micaela A. Firmino em *Vozes mulheres da América Latina* (2022), ao escrever sobre suas vivências e narrar as suas próprias histórias, as mulheres negras refutam o silenciamento e criam as próprias narrativas, ultrapassando as barreiras impostas socialmente. Os diários de Carolina e Preta são a contação de suas histórias, mas também da trajetória que os povos minoritários ainda enfrentam. Entrelaçar os pontos próximos e distantes destas duas histórias, assim como percorrer o caminho das suas liberdades, Carolina se libertando da fome e pobreza, Preta das grades e da justiça suja de nosso país, é aproximar essas narrativas e dar ainda mais voz às suas histórias.

2. PROCESSO METODOLÓGICO – COMO ADENTRAMOS NO QUARTO DE DESPEJO

O estudo realizado acerca das obras de Carolina Maria de Jesus e Preta Ferreira caracteriza-se como uma pesquisa de cunho bibliográfico. Acerca desse método Marconi e Lakatos (2003) explicam que a investigação vale-se de fontes secundárias para abordagem do tema, ou seja,

Trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita [documentos eletrônicos]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações. (2003, p. 33-34)

Assim, ao delimitar o tema a ser investigado, esta pesquisa, inicialmente, passou por uma fase de revisão bibliográfica. Foi realizado o levantamento das publicações escritas até então sobre o tema do uso de diários como forma de denúncia e libertação de mulheres negras, assim como uma investigação de possíveis publicações que debatem momentaneamente as obras aqui utilizadas. A pesquisa seguiu, então, alguns passos importantes a partir da definição dos aspectos levantados para investigar sobre os diários de Carolina e de Preta, pois como destaca

Antônio Carlos Gil em *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (2008), “Somente a partir do momento em que o pesquisador tem uma idéia clara daquilo que pretende dizer a respeito do assunto escolhido é que está em condições de iniciar o seu trabalho” (p.72).

O primeiro passo foi conhecer a escrita de cada uma das escritoras, assim como os aspectos que as aproximavam e os que as diferenciavam. Para tanto, a pesquisa seguiu por meio dos preceitos de Marconi e Lakatos (2003) que apontam a etapa de identificação como sendo a primeira e determinante no processo, porque orienta o caminho a seguir. Após este primeiro momento de reconhecimento do material, parte-se para a busca do que há de publicações a respeito do tema. Assim, visitas a bancos de dados de universidades sobre publicações de dissertações e teses de doutorado sobre o tema foram realizadas cuidadosamente, de forma *online* e presencial. Artigos científicos e bibliografias selecionadas também fizeram parte do material coletado, estes, sendo da área de literatura, linguística e mesmo de outros cursos, como direito, arquitetura e ciências sociais.

Foram localizadas diversas produções sobre Carolina Maria de Jesus e suas obras, onde há um rico material disponível e de fácil acesso. Mas, quando pesquisamos sobre Preta Ferreira, há pouco referencial teórico e/ou científico, o que se encontra são reportagens e entrevistas sobre sua história e obra e alguns trabalhos sobre Movimentos de ocupação onde a mesma é citada. O passo seguinte foi determinante para o trabalho, pois a seleção do material de apoio e a identificação dos referenciais pertinentes ao tema exigiram cuidado para que não caíssemos em repetições do já dito.

A partir da organização dos dados e em posse deles, passamos para a análise dos materiais coletados, sendo este um momento central da pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a importância dos dados não está em si mesmos, mas na possibilidade de que eles sejam capazes de dar respostas ao problema de pesquisa que elaboramos: os escritos de Carolina Maria de Jesus e Preta Ferreira são representativos de denúncia e resistência?

Nesse momento os dados coletados foram descritos, relacionados e interpretados com base em outros estudos que tivemos acesso a partir da revisão bibliográfica e também de teorias levantadas. Os dados coletados foram também relacionados com os chamados dados secundários, isto é, aqueles de outras fontes

como os obtidos através de dados do IBGE, do censo populacional, entre outros (MARCONI; LAKATOS, 2003), pois no caso aqui estudado, a questão da pobreza, miséria e racismo são importantes marcadores sociais e contribuem para a análise, pois dialogam com os escritos das autoras. Assim, números que traduzem estas discussões foram utilizados como uma forma de dar maior credibilidade para a realidade denunciada através da ficção.

Dessa forma, para que os objetivos a que nos propomos fossem alcançados, organizamos a apresentação e a discussão dos dados da seguinte maneira:

1. Discutir acerca do gênero textual diário e a escrita autobiográfica;
2. Apresentar de Carolina Maria de Jesus e sua trajetória enquanto mulher preta, favelada e escritora;
3. Apresentar de Preta Ferreira como mulher negra com curso superior é presa por lutar em favor de seus direitos;
4. Comparar as vivências das duas escritoras enquanto mulheres negras pobres que lutam pela sobrevivência em um país governado pelo branco patriarcal.

Os dados qualitativos e quantitativos levantados e organizados nestas categorias de análise foram cruzados a partir da revisão bibliográfica utilizada. Autoras como Lélia Gonzalez, Angela Davis, Audre Lorde e Sueli Carneiro, deram suporte para a defesa dos argumentos. Por meio da pesquisa levantada destas fontes, foi possível realizar a análise qualitativa por meio do método comparativo, buscando destacar proximidades e diferenças (GIL, 2008), entre as obras e culturas estudadas.

A análise de conteúdo por meio da técnica de tratamento de dados, que objetivou identificar o que está sendo dito a respeito do tema. Conforme Laurence Bardin (2009), este procedimento visa obter através da sistematização e dos objetivos de descrição do conteúdo as mensagens ou indicadores que permitam compreender seu sentido e as condições de produção/recepção dessas mensagens. Dessa forma, por meio da metodologia utilizada, foi possível analisar os textos de Carolina M. de Jesus e Preta Ferreira e organizar o trabalho estabelecendo comparações entre as duas autoras e obras e cruzando com as vozes de outros escritores sobre as perspectivas de racismo, segregação e a construção dos espaços de favelas, ocupações e prisões.

3. GÊNEROS TEXTUAIS E A CONSTRUÇÃO DE DIÁRIOS

A escrita de histórias pessoais, autobiografias e diários, são um registro daqueles momentos de quem o escreve (narrador), mas também carregam diversos elementos textuais em sua construção. Para além disso, se tornam únicos, a partir da narração ocorrer pelo ponto de vista pessoal de quem o escreve.

3.1 A escrita autobiográfica

Para contar histórias, é necessário traçar os caminhos que ela percorrerá. Dentro das escritas pessoais (formas textuais), há diversos caminhos que podem guiar uma escrita própria e que possui um vínculo social com outras diversas pessoas. Segundo Maura Sandra da Silva do Nascimento, em *Vozes mulheres da América Ladina* (2022), para a população negra, o ato da escrita e da narrativa é um registro das memórias desses povos silenciados, e seus textos fazem ecoar as suas vozes.

Muitas são as histórias de vida narradas por pessoas comuns que se mostram tão importantes quanto as histórias livrescas, de renomados notáveis da academia. De acordo com o que afirma Walter Benjamin em *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1994), seus estudos sobre o narrador (e seu desaparecimento), são narrativas de caráter pessoal as que podem escovar a história a contrapelo. Isso quer dizer que é dessa forma que a humanidade vai descobrindo não apenas o que houve em dado momento, mas também o que ainda há e haverá, a partir daquela experiência narrativa. Assim, é possível sentir a real experiência que se torna viva por meio das histórias a serem (re)descobertas pelas vozes dos/as narradores/as que estão por toda a parte e que resistem, apesar do mundo acelerado e fragmentado onde estão inseridos.

A modernidade acelerada e fragmentada deixa pouco espaço para a construção de narradores-personagens-autores de suas próprias memórias e experiências. O excesso de detalhes e pormenores parece estar perdendo campo de interesse e muitos escritores acabam refletindo isso em seus escritos. Contardo Calligaris em *Verdades de autobiografias e diários íntimos* (1998) escreve que diários podem não ser para registro de eventos memoráveis, mas sim, para falar apenas sobre algum entroncamento pessoal, ou seja, as palavras íntimas de um diário podem ser uma confissão ou mesmo intervenção. No campo da oralidade, então, há a perda do gosto de contar histórias no sentido de resgatar a troca de diálogo; perde-se, assim,

a capacidade de enraizar-se e conhecer o outro, sua história, suas vivências e desfrutar de experiências com a partir da alteridade.

Na escrita, é importante entender não só o conteúdo do texto a partir da leitura, mas também como ele funciona socialmente. A partir dos estudos de Luiz Antônio Marcuschi em *Gêneros textuais: definição e funcionalidade* (2003), é possível notar que os gêneros textuais agem sobre o mundo a partir de ações sociais e discursivas, para falar sobre o que acontece e como acontecem. Ou seja, os gêneros textuais são importantes nas escritas e textos, de modo que, para além da classificação, também são formas de comunicação. É importante, a partir desse entendimento, compreender de que modo os gêneros fazem/têm esse poder social. Como o próprio autor ressalta, isso não é uma negação de que há uma estrutura do texto, mas sim, é imprescindível que seja relevante a quem o lê, que carregue em si características sociais e comunicativas, não somente um conjunto de regras.

Nesse sentido, quando se pensa em textos de cunho mais pessoal, onde o autor constrói a história a partir do seu ponto de vista do real e muitas vezes de modo mais informal, há alguns gêneros considerados mais populares. Tratam-se de, como destaca Marcuschi (2003), cartas, bilhetes e lembretes endereçados a alguém, de poesia e de diários. Este último carrega características especiais e importantes para esse trabalho.

Assim como outros textos autobiográficos, de acordo com os estudos de Philippe Lejeune em *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet* (2014), a escrita dos diários ocorre por meio da escolha do autor em escrever a sua própria história, utilizando a sua individualidade e também a sua existência. Essa forma de contar o que se passa à sua volta, consigo mesmo e com os seus, os medos, anseios e descobertas acompanha a evolução da humanidade. É possível recordar a menção à presença dos desenhos inscritos nas paredes das grutas e em rochas ou, ainda, do período das navegações, quando era comum a utilização de diários de bordo e relatos de exploração (ou seriam os pormenores de invasões?). Esses documentos, mesmo contendo informações muito pessoais que transitam entre o registro puro e simples e a percepção individual do observado e vivido, são, inegavelmente, importantes elementos constitutivos da história.

Para além da menção a fatos e situações observadas, os diários são, em seu processo de construção, a escrita do pessoal e do indivíduo. Para que um texto possa

ser identificado como pertencente ao gênero diário, é importante que possua algumas características próprias desta escrita. Como menciona Marcuschi (2003), uma delas é a de possuir a forma de narrativa, podendo valer-se da argumentação para justificativas pessoais, da descrição para ambientes que fazem parte do relato e ainda serem expositivos, nos momentos necessários para informar melhor o leitor. O autor ainda destaca as sequências tipológicas, para auxiliar na identificação do gênero dos textos. Essas sequências analisam a estrutura da escrita, sendo possível ser descritiva, narrativa, injuntiva, argumentativa e outros. Essa análise é importante para auxiliar na identificação textual, visto que o gênero se difere do tipo de texto.

A narrativa de textos autobiográficos, especialmente de diários, normalmente ocorre em primeira pessoa, com o narrador onipresente, visto que ele é o/a escritor/a e, quase sempre, o personagem principal. Essas características, quando utilizadas no mesmo texto, constroem diários pessoais, relatando um espaço e tempo específico pela perspectiva do narrador(a).

Lejeune (2008) defende que, para um texto ser considerado autobiográfico, é necessário que tenha algumas características. A primeira delas diz respeito ao formato, ou seja, deve ser em narrativa ou prosa. Também é preciso definir acerca do assunto a ser abordado, poderá transitar entre a vida pessoal e sua personalidade, além da situação do texto contemplar a identidade do autor/narrador. Há, ainda, a possibilidade do narrador colocar a sua identidade, bem como ter uma perspectiva pessoal da história.

Por ser um gênero textual, é necessário que sua escrita possua características que identifiquem o diário como tal. Para tanto, Marcuschi (2003) menciona que “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (p.29). Essas situações podem se desmembrar conforme a intenção de cada autor. Quando há uma intenção de publicação e não somente de registro pessoal, quem escreve saberá conduzir o texto de forma que as informações não fiquem dispersas e, quem o ler, conseguirá compreender as palavras e os objetivos do texto, sendo ele gramaticalmente coerente dentro da norma culta ou não.

3.2 A identificação do diário como gênero textual

A escrita pessoal é, como destacam Gilda de Almeida e Sandra Mara Mendes da Silva Bassani em *A narrativa pessoal como forma de expressão emocional* (2021), o corpo da escrita de um diário, visto que “A importância da escrita pessoal no processo em páginas de diário está relacionada ao desejo do autor de expor suas ideias e experiências” (p.31). Essa ideia é importante para que se possa compreender o processo da escrita de um diário; a partir de que concepção ou em que momento tornou-se importante para ele/a (narrador), falar sobre si e sobre a sua vivência. Nessa condição de texto, talvez não fique tão claro o objetivo final, visto ser uma narrativa de fatos que ocorreram normalmente no mesmo dia em que é escrito. Ou seja, o tempo de reflexão e análise é curto, mas, em compensação, há grande riqueza de detalhes ainda frescos na memória do escritor que vão, rapidamente, deixando o espaço íntimo e individual para serem transplantadas para o texto que pode vir a ser compartilhado caso assim desejar.

Para que se possa entender a construção do gênero diário, é importante ter pré-estabelecidos alguns elementos importantes. O diário não é identificado como tal pelo seu tema, escolha de palavras, objetivos ou mesmo cenário. Para ser autobiográfico, é necessário que o narrador também seja o personagem principal, que utilize de forma clara a sua opinião, consiga deixar clara a sua perspectiva das situações contadas, mas, principalmente, conseguir colocar sua identidade de forma quase (ou extremamente) íntima no texto.

A questão do narrador ser personagem, se constrói de um modo que aproxima ambos, visto que a identidade do personagem será a identidade do narrador. Lejeune (2008) discute sobre não ser necessária a utilização do “eu” para essa identificação, pois é feita de forma indireta e clara, visto que há a relação autor-narrador e narrador-personagem. Isso fica mais evidente ao analisar a própria palavra biografia, que remete a auto escrita.

Dessa forma, essas possibilidades de diálogo que a escrita de si abre com o próprio eu constituem-se espaços de experiência, primeiramente privados que, mais tarde, transitarão no campo social, coletivizados. Isso porque os pensamentos, os devaneios, as fantasias e as ações foram problematizados no campo íntimo; tiveram como referência a inserção em si mesmo. Contudo, quando compartilhados em forma de diário ou autobiografias, representam, de certa forma, a voz de muitos

outros ali representados. Esse espaço do subjetivo, do íntimo, acolhe o homem moderno, absorve-o de tal maneira que parece refugiar-se de si mesmo. É inegável a necessidade da inserção em seu espaço íntimo, diferente e tão parecido com o da coletividade.

Além das características de gênero textual e narrativa, também é importante entender o caráter da obra, ou seja, o seu valor. Como Mikhail Bakhtin, em *Estética e criação verbal* (2003) detalha, o texto pode ser idealizado de forma confessional, informativa ou mesmo lírica. Para compreender onde ele se constrói, é necessário compreender a intenção de quem o escreveu, elencando todas as suas características: estrutura, narrativa, objetivos e o grau de intimidade. É neste ponto de diálogo que se deve retomar a importância do narrador enquanto guardião das histórias de uma comunidade, defendido por Benjamin (1986). Ao autor destaca que para narrar é necessário observar o mundo nos seus detalhes, nos seus instantes e pormenores, a fim de que se possa elaborar uma narrativa que estabeleça conexões com quem narra e com quem vai, de uma forma ou outra, interagir com aquele texto.

Desse modo, a escrita de diários vai além da simplicidade que é utilizada por algumas pessoas, como uma forma de escrever para si alguns simples momentos, informações e memórias importantes, sejam elas boas ou ruins. Quando o texto é utilizado como forma de denúncia, registro de informações importantes (socialmente falando) ou mesmo que seja necessário para um futuro, os diários tornam-se atestados de ações reais, as quais podem ser importantes não só para quem escreveu, mas também para quem vai desfrutar de sua leitura.

3.3 A construção do narrador-personagem

Quando se escreve o que se vive, há uma construção diferente do texto quando comparado à ficção - romance ou demais gêneros. Nesse momento, quem narra não somente faz parte da história, como também viveu e presenciou os acontecimentos narrados. Nesse sentido, Bakhtin (2003) destaca que o narrador se entrelaça à história, pois os personagens ali presentes também são os “outros” na sua vida. Ou seja, além do narrador e da história serem reais, quem faz parte dela também é, pois são parte da memória real de quem escreve no diário. Mesmo que sejam utilizados nomes fictícios - seja para não identificar essas pessoas no “mundo real”, seja para sua proteção e de quem escreve -, elas existem.

Quando se trata de construção da narrativa pelo narrador-personagem-autor, Benjamin (1986) destaca que essa escrita “Não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.” (p. 205). Visto dessa forma, entende-se essa produção como um processo de transformação que permanece nos seres envolvidos na construção do significado, sejam eles os que escrevem e vivem ou os que recebem e leem os escritos dos diários. Os acontecimentos, impressões, experiências reproduzidas na escrita não pertencem mais à intimidade de quem os escreveu. Assim, “Comum a todos os grandes narradores é a facilidade que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como uma escada” (BENJAMIN, p.215, 1986). E são esses registros importantes laços que unem escritor e leitor em um ato de cumplicidade.

Muitas vezes, quando se escolhe escrever por meio do diário, como um registro das atividades ocorridas durante um período de tempo, as informações selecionadas, quando saem do mundo real e vão ao mundo da escrita, carregam para além do registro, também um autoconhecimento. Novamente, Bastos (2021) discorre de modo objetivo quando fala que na escrita, o autor se apropria de suas próprias experiências para conseguir projetar o que tem intenção, por meio da escrita. A mesma autora também detalha como o narrador “Consegue prevenir o esquecimento e dar vida e veracidade aos aspectos humanos da sua realidade” (BASTOS, p.34, 2021).

Quando é alinhado o registro das memórias vivenciadas com a exposição (possivelmente já maturada), há uma potencialidade desse texto se tornar importante para além do individual e de um registro para si.

Nessa escrita, por ser feita de forma mais casual e muitas vezes manual, onde normalmente não há a obrigatoriedade de se tornar um texto a ser lido por outras pessoas, ele se torna mais real e palpável para quem o lê. A aproximação entre escritor/a e leitor, ocorre, pois, antes de escrever aos outros, o/a autor/a escreve para si. Esse é o primeiro leitor, aquele mesmo que escreve, fará a leitura das suas palavras (Lejeune, 2014).

Como a narração ocorre em primeira pessoa, o/a narrador/a se constrói como personagem, mas também a própria história o/a constrói. Seu ponto de vista dos acontecimentos, o uso de palavras sem que sejam medidas, o detalhamento de momentos ou espaços para contar e dar mais realidade ao texto, assim como a

riqueza dos detalhes através do texto construído, com foco no que ele/a acha que é necessário registrar. Tudo isso se torna parte da história a ser contada, mas também da personalidade de quem o escreve. Há então, uma anuência aos leitores em ler e desfrutar da realidade e intimidade de quem escreve e dos momentos ali registrados.

Sabemos que as atividades ali registradas não serão tal qual com outras pessoas, mesmo aquelas que estavam presentes nas cenas, por conta de um ponto de vista, mas, pensando que os gêneros textuais em geral, possuem aspectos sócio comunicativos, como Marcuschi (2003) coloca em seu texto, é possível que outras pessoas, além do autor, se aproximem e se reconheçam naquelas palavras. Quando há a construção a partir do real de uma pessoa, esse real, socialmente pensando, se assemelha à realidade de outros sujeitos. Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus, ao escrever o livro *Quarto de Despejo* em 1986, não registrou suas palavras apenas para si, mas também com a intenção de que outras pessoas as lessem. Como a mesma responde a entrevista registrada ao final do seu livro, na edição de 2001:

Cansei de suplicar às editoras do país e pedi à editora Seleções [do Reader's Digest] nos Estados Unidos se queria publicar meus livros em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para eles ler. Devolveram-me... Depois que conheci o repórter Audálio Dantas tudo transformou-se. E eu enalteço o repórter por gratidão. (JESUS, p.169, 2001)

Foi necessário o reconhecimento por meio de Audálio Dantas, para que a mesma fosse ouvida. Já Preta Ferreira, ao escrever seu livro *Diário de uma prisão* (2020), não poderia deixar de usar suas palavras como denúncia das desigualdades que presenciei durante a prisão, assim como denunciar a injustiça que sofreu por lutar por moradia digna.

As vezes me pego pensando em como posso estar presa e, por alguns instantes, me vejo em outro lugar; então, quando abro os olhos, me vejo na cela, trancada, sozinha. [...] Penso no meu futuro, no dia que a minha liberdade chegar...como será? (FERREIRA, p.135, 2020)

Sueli Carneiro em *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil* (2011), escreve que a raça, ao ter sido construída de forma social e cultural em nossa sociedade, é um fator determinante na configuração das classes sociais. Os diários de Carolina e Preta trazem à tona essas desigualdades, assim como as suas vivências pessoais e íntimas.

4. CAROLINA MARIA DE JESUS E A ESCRITA QUE ABRE AS PORTAS DO QUARTO DE DESPEJO

Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.

(JESUS, 1960)

4.1 Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo

Quando buscamos o significado da palavra despejo, o dicionário *online* dicionario.info coloca que é “O que se joga ao lixo; o que não se pode mais usar; dejetos”. Esse é o significado da palavra despejo quando procuramos no dicionário, mas, o que seria o quarto de despejo para alguém que reside na favela? Para Carolina Maria de Jesus (2001) significa

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, p.33, 2001)

Assim, de acordo com o desabafo de Carolina, os corpos marginalizados, são o despejo das classes mais abastadas. Segundo Jorge Paulino, em seu texto *O pensamento sobre a favela em São Paulo* (2007), onde fala sobre a história das favelas de São Paulo, esta relação entre o lugar periférico e sua característica marginal, não apenas no sentido geográfico, não é um conceito concreto e fechado pois, como se trata de uma questão social, há diversas possibilidades e relações a considerar. Além disso, há a estereotipação como encargo extra, ao longo dos anos. É visível que, por Carolina de Jesus ser uma mulher preta e favelada, o seu corpo parece carregar diversos estereótipos. Para Paulino (2007), o conceito de marginalidade teve seu crescimento a partir dos anos de grande urbanização, mais precisamente por volta de 1950, quando houve uma grande onda de urbanização e industrialização dos centros urbanos, sendo um deles, a cidade de São Paulo.

A favela do Canindé foi um dos muitos locais de moradia destinados à população pobre desta cidade, em meados dos anos de 1950. Nesse período, o país passava por uma crise econômica e grande crescimento urbano que afetou a população, especialmente as classes mais baixas, justamente pelo crescimento dos centros. Nesse local da cidade de São Paulo, encontrava-se uma moradora que é, também, um dos maiores nomes da literatura nacional. Carolina Maria de Jesus

escreveu e mostrou ao mundo um dos maiores significados da escrita e a sua grande importância: para além da estrutura linguística e da gramática, mostra ainda hoje, como as palavras possuem significados reais e podem ser utilizadas para a transformação. A escrita da autora nos leva para dentro do Canindé, contando detalhadamente o que nenhuma outra pessoa poderia fazer tão bem, sem ser residente do local.

—O que escreve?

—Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana. (JESUS, p.20, 2001)

...Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro:

—Olha o pão doce, que está na hora do café!

Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer. (JESUS, p.30, 2001)

Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (JESUS, p.197, 2001)

Como consta em seu próprio livro, a escritora nasceu em Minas Gerais, possivelmente no ano de 1915, e faleceu no ano de 1977, em São Paulo. O acesso ao livro se deve ao repórter Audálio Dantas que, em 1958, teria encontrado Carolina, casualmente, quando da visita ao Canindé para uma reportagem. Segundo o que ele próprio diz no prefácio do livro *Quarto de despejo*, "repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história - a visão de dentro da favela" (DANTAS, p.3, 2001). Dantas foi muito assertivo na sua escolha em manter Carolina como centro desse trabalho ao invés de apenas seguir o caminho mais cômodo, que seria realizar uma simples reportagem ou mesmo uma entrevista com a escritora. A partir desse momento, o repórter auxilia Carolina a realizar o seu sonho de ser escritora, a concretizar as palavras e pensamentos por meio da publicação e escrita dos diários.

Um dos pontos mais importantes a pensar quando se fala em Carolina de Jesus, é sobre seu caminho em tornar-se escritora. Quando o livro foi publicado, foi um tremendo sucesso em nosso país e mundo afora, conforme Dantas deixa claro no livro. Porém, mesmo que para muitos seja uma das mais importantes obras da literatura brasileira, a autora não teve uma carreira longa ou uma ascensão social quando comparada a outros escritores brasileiros, principalmente os considerados

canônicos. Assim como Carolina de Jesus, há diversos outros nomes de escritores/as negros/as que estão (finalmente), conseguindo buscar espaço na literatura nacional.

Carolina Schenatto da Rosa e Gilberto Ferreira da Silva em *Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira* (2020), destacam que, por conta da hierarquização de gênero e raça, mulheres negras brasileiras passam por um esquema de inferioridade e pelo não-reconhecimento. Carolina de Jesus é uma dessas mulheres que mesmo tendo a sua obra vastamente publicada e estudada, o fato de sua escrita ser não acadêmica e também de ser ela, uma mulher negra e favelada, não teve a mesma ascensão e reconhecimento que tiveram outros escritores brasileiros. Na atualidade, surgem nomes como Itamar Vieira Junior, Conceição Evaristo e Jeferson Tenório, premiados escritores, mas que não possuem a popularidade merecida, pois não se encaixam no padrão social esperado.

Segundo Daniela de Almeida Nascimento (2020), em sua tese *Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência*, sobre a escrita de si e memória, “A literatura desse grupo social minoritário informa quem é o negro e sua história a partir de um ponto de vista destoante da concepção hegemônica” (p.21). Ou seja, a luta racial por meio da escrita surge nas entrelinhas da literatura negra. Estamos presenciando nos últimos anos, um grande crescimento da escrita negra, mas é importante também termos na memória e seguirmos falando sobre o pioneirismo de nomes como Maria Carolina de Jesus. A escritora, segundo Rosa e Silva (2020), tem a sua história de vida e o contexto em que vive, como guias da sua escrita. Carolina de Jesus coloca em seu diário a sua realidade e a sua própria condição social, de forma crua e precisa.

O quarto de despejo, a favela, onde se guardam os trastes velhos da cidade (segundo a própria autora), torna-se palco de uma história tão real que, para aqueles que não familiarizados com a realidade das favelas e da pobreza, pode parecer ficção ou apenas invenções. Mas, para aqueles que conhecem e reconhecem as desigualdades sociais do nosso país e do mundo, o diário de Carolina de Jesus se torna um importante documento, com informações relevantes e atemporais da nossa realidade.

4.2 Carolina Maria de Jesus como escritora

A escrita de Carolina de Jesus torna-se única por diversos motivos: a sua história de vida, o uso de uma linguagem que contraria a gramática tradicional e, ainda por apresentar, apesar da sua condição de miserabilidade, uma visão de esperança, mesmo vivendo em um mundo que ela quase não existe, pois é invisível ao estado. Para compreender a importância e também os aspectos da construção do seu texto, retomamos as palavras de Marcuschi (2003) quando destaca que os gêneros textuais têm o papel de ações sociodiscursivas para agirem sob e sobre o mundo. Aqui, o gênero diário se torna relevante ao trazer à tona a realidade de Carolina e de diversas pessoas que residiam na comunidade do Canindé. A forma escolhida pela autora, em relatar nas páginas de seus cadernos o que ocorria dentro das paredes da sua casa e dentro do espaço geográfico destinado à população marginalizada e favelada, é um documento, um registro, que se desdobra como a realidade de muitos brasileiros. Para Lejeune (2014), na escrita de diários, o papel se torna um amigo, um confidente. Não há restrições quanto aos sentimentos e atitudes, seja a raiva, a tristeza, a alegria ou os segredos mais íntimos de quem o escreve: o diário é o seu melhor amigo e onde poderá expressar-se com a liberdade que não tem na oralidade, em seu dia a dia.

Gabriel Nascimento, em seu livro *Racismo Linguístico* (2020) fala abertamente sobre aspectos importantes do racismo presente constantemente em nossa língua. Dentre os pontos elencados pelo autor, está o que ele conceitua como linguicídio e a escrita como um objeto de poder. O português brasileiro, quando implementado no Brasil, foi por meio da subjugação dos povos indígenas, da escravidão da população negra e das suas culturas, sob o sangue dos povos da terra e dos que foram retirados de seus lugares de origem e afastados de seus povos e culturas. A partir desse ato de obrigação e subjugação, ocorreu, também, o linguicídio dos povos colonizados. Esse termo se torna importante pois representa, segundo Nascimento (2019), a morte das línguas originárias de inúmeras populações, para além da aniquilação de seus corpos. O que se percebe, então, em cada palavra do diário de Carolina são os rastros desse aniquilamento.

Nesse sentido, ao deparar-nos com textos que resgatam de alguma forma esse passado que a norma insiste em apagar, esbarramos em mais um tipo de preconceito. Assim, o linguicídio e a necessidade de borrar qualquer resquício desse passado deixa

rastros que são percebidos repetidas vezes; não há como apagar porque está na língua do povo. Trata-se do que Marcos Bagno, em *Preconceito*

Linguístico (2007) fala

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país [...], mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. (p.15)

Assim, o pobre, negro e favelado carrega em si as mazelas de uma sociedade excludente que o coloca em posição inferior até nos aspectos linguísticos, pois suas particularidades não são respeitadas e são, na grande maioria das vezes, motivo de chacota e depreciação. O que precisa ser discutido na academia é que a miscigenação ocorre também por meio das línguas e o que provém dela é a marca identitária de um povo e, portanto, precisa ser respeitada.

A população negra e favelada (quase uma redundância, visto que a população negra é majoritária nas favelas), por estar à margem das políticas públicas do estado, vivencia a falta de oportunidades que envolvem os campos de saúde, cultura e educação, dentre outros. Como Carolina de Jesus revela em seu diário, estudou apenas até a 2.série e, por isso, não possuía os conhecimentos gramaticais e lexicais para escrever um texto que se encaixasse perfeitamente nas normas da gramática padrão. Dessa forma, de acordo com Rosa e Silva (2020), Carolina nos presenteia com um pensamento que contraria a lógica hegemônica academicista, pois não precisou de regras ou dicionários para contar a sua história e narrar as experiências que as desigualdades sociais e o governo impõem à população até os dias de hoje.

A sua memória e as suas experiências vividas diariamente são as bagagens que nem mesmo a mais renomada academia poderia conceder como recurso a algum escritor. A teorização dessa luta é importante para que se possa provar a necessidade de falar e transformar a realidade, mas poder ter acesso a relatos como o da autora, é o pontapé para que os estudos raciais possam ser construídos: a sabedoria também se constrói na vivência.

4.3 Como nos toca a escrita de Carolina

Durante a leitura do diário de Carolina, é perceptível como a sua escrita não segue as regras da norma culta. Poder ler a sua história por meio das suas próprias palavras aproxima o espaço entre leitor e escritora. Ao trazer presente os escritos de Lejeune (2014), é importante destacar que o autor menciona que quem escreve um diário, escreve primeiramente para si. Carolina foi a sua primeira leitora, assim como a primeira pessoa a acreditar nas suas palavras. Ela estava ciente da sua realidade, assim como das desigualdades sociais presentes em nossa sociedade: "...Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais" (JESUS, p.39, 1998). Mesmo que a autora não tenha frequentado os bancos escolares nem tenha tido acesso às informações teóricas que polvilham as mentes de quem participa de movimentos de lutas sociais, percebe-se o quanto estava ciente da necessidade de falar sobre a sua realidade a partir de um ponto de vista da favela, de quem vive o que conta. Essa é uma importante contribuição para a construção da luta das minorias ainda hoje, como bem coloca Nascimento "Esta língua e esta raça não são minhas, mas agora eu as uso para a luta" (p.108, 2019). Ou seja, utilizamos das palavras (seja por meio da fala ou por meio da escrita), para expressar e fazer frente a luta diária da realidade dos negros e negras em nosso país.

O texto de Carolina traz marcas que escancaram sua posição social. Além das diferenças de classes, a escrita da autora demonstra, ainda, que enfrenta as desigualdades como mulher, negra, mãe e moradora de favela. Carolina de Jesus é considerada um sujeito pertencente ao subalterno, ao não lugar, conforme as palavras de Elisabete Figueroa dos Santos, Maria Fernanda Diogo e Lia Vainer Schucman em *Entre o não lugar e o protagonismo* (2014). Carolina é a representação dos sujeitos que estão nesse lugar: aqueles que não são homens, brancos e ricos residentes do centro. Ela está na periferia, no espaço marginal; o seu trânsito pelo centro é apenas para servir - como denuncia, muitos anos depois, outra voz negra da literatura, Conceição Evaristo, em seu poema *Vozes-mulheres* aos "brancos donos de tudo" (EVARISTO, 2008, p.35).

Há uma relevância real na escrita de Carolina, pois ela fala de si e fala de muitos, suas palavras representam a sua sobrevivência diária e de boa parte da população brasileira nos anos 50, mas também, é uma escrita atemporal, pois é a

realidade de boa parte da população brasileira, ainda em 2022. Carolina Maria de Jesus relatava sobre a fome e a compra e doação de ossos:

...Vi uma senhora reclamar que ganhou só ossos no Frigorífico e que os ossos estavam limpos.

—E eu gosto tanto de carne.

Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar-se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer. (JESUS, p.55, 2001)

Vesti os meninos que foram para a escola. Eu saí e fui girar para arrancar dinheiro. Passei no Frigorífico, peguei uns ossos. As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros.

Até eu digo que é para os cachorros... (JESUS, p.94, 2001)

O mesmo que ocorre no Brasil de Paulo Guedes, em 2022, denunciado pela reportagem de Paula Paiva Paulo (2021) e registrada no site do G1. Na matéria em questão, famílias buscam os descartes de alimentos para consumo próprio, fazendo filas nas localidades.

Assim, a realidade da fome no Brasil se repete cerca de 60 anos depois de Carolina (será que um dia deixará de existir?). Como agravante, há o racismo estrutural e a pobreza como parte da cultura do país e, por conta disso, não são prioridades para o governo, pois é o que alimenta o capitalismo. A história contada pela autora se repete na atualidade, infelizmente. Hoje, o Brasil de tantas outras Carolinas vivencia um período de pobreza e desigualdades extremas. A população sofre com as escolhas de um governo com incontáveis atitudes que ferem os direitos humanos e atacam a população mais carente e as minorias.

É dessa forma que os escritos de Carolina Maria de Jesus, fazem eco em nós. Sentimos vibrar dentro de cada marginalizado deste país, um pouco de Carolina. Quando suas palavras dizem: "Eu cato papel, ferro, e nas horas vagas escrevo" (p.93), elas dizem, também, que ela resiste. Essa fala representa um grito pela humanização da autora. Ela insiste em não se deixar transformar no lixo que ela mesma recolhe. Por isso, escreve. Por isso, se deixa imortalizar no papel.

4.4 O reconhecimento na atualidade

Escrever era parte da sua rotina, mas antes da publicação do seu primeiro livro, havia a necessidade da sobrevivência, não só da própria, mas como também a de seus três filhos. Nesse sentido, cabe trazer a escritora americana Audre Lorde, que

faz um importante questionamento em seu livro *Irmã Outsider* (2019): “Qual outra criatura no mundo além da mulher negra teve que assimilar o conhecimento de tanto ódio em sua sobrevivência e ainda assim seguir em frente?” (p.189). As palavras de Lorde se unem às de diversas outras mulheres, visto a condição social que sobrou às mulheres negras. Mas, para além disso, são importantes para refletirmos sobre a condição social de Carolina de Jesus. A autora usa da esperança para conseguir sobreviver, visto que o próprio alimento lhe faltou diversas vezes, mas seguiu em frente, assim como tantas outras mulheres negras ainda precisam seguir para sobreviver.

Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço. (JESUS, p.23, 2001)

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome!. (JESUS, p.27, 2001)

...Achei o dia bonito e alegre. Fui catando papel. (JESUS, p.90, 2001)

Em seu livro, quando conseguimos perceber que a sua realidade é reflexo do desamparo governamental, assim como se repete de casa em casa nas favelas e bairros pobres, o ódio vira parte da rotina. Para a população marginalizada, não há direito a viver a vida, mas apenas a sobrevivência, e foi isso o que Carolina Maria de Jesus fez durante toda a sua vida.

...O que eu aviso aos pretendentes a politica, é que o povo não tolera a fome. E preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. (JESUS, p.26, 2001)

Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforçar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. (JESUS, p.29, 2001)

Recentemente, no ano de 2017, Carolina Maria de Jesus foi homenageada pela Academia Carioca de Letras. Segundo o site Geledés (2017), o professor Ivan Cavalcanti Proença, que ocupa uma das cadeiras na Academia Brasileira de Letras do estado do Rio de Janeiro, assim como é considerado um dos maiores nomes da Academia, falou, no evento que homenageia Carolina de Jesus, que seu texto não poderia ser considerado literatura. Aqui, retomamos o racismo que envolve o preconceito linguístico de nosso país, onde Bagno (2007) esclarece que as diferenças sociais são a base do distanciamento linguístico que permeiam os falantes do português-brasileiro. Ou seja, as questões sociais estão presentes em todos os

segmentos das nossas vidas, incluindo a língua e escrita, objetos de poder em nossa sociedade.

4.5 O que e como nos fala Carolina Maria de Jesus

A escrita de Jesus nos carrega entre dois mundos: o real, aquele em que a escrita está sobrevivendo e, por outro lado, com as belezas e esperanças da vida. Mesmo assim, a escritora deixava claro em suas palavras a sua frustração com as injustiças, mesmo que com palavras simples. Quando comparado trechos que contemplam os dois lados, é possível perceber que a mesma tem consciência da realidade da favela, assim como há diferenças entre os dois espaços.

...Eu ando tão preocupada que ainda não contemplei os jardins da cidade. É época das flores brancas, a cor que predomina. E o mês de Maria e os altares deve estar adornados com flores brancas. Devemos agradecer Deus, ou a Natureza que nos deu as estrelas para adornar o céu, e as flores para adornar os prados e as varzeas e os bosques. (JESUS, p.32, 2001)

...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, p.33, 2001)

Durante a leitura, o mundo que nos apresenta Carolina mistura esses dois lados, mas de forma majoritária as desigualdades que ocorrem na vida da favela. Nos trechos em que a mesma fala sobre a cidade (referência ao centro da cidade), a coloca como sala de visitas, que, quando pensamos em cômodos de uma casa, normalmente é destinado a receber as pessoas de fora, também sendo um cômodo muito utilizado e por sua vez, frequentado. Já a favela (para a autora, local que não faz parte da cidade), é o quarto de despejo da casa (da cidade). Na obra *O Lugar de Negro*, escrita por Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982), Gonzalez fala sobre a divisão racial do espaço, onde, desde os tempos coloniais, ocorre uma separação dos espaços físicos/geográficos, entre os dominantes e os dominados. Os negros, desde o tempo da escravidão das colônias, já tinha como reservado para si, os espaços dos grupos dominados, e a desigualdade racial no Brasil está diretamente ligada a má distribuição dos espaços geográficos e as práticas racistas do grupo dominante (HASENBALDG, 1982). Dentre esses espaços, as favelas são a herança das senzalas.

Deixei o leito as 5 e meia. Já estava cansada de escrever e com sono. Mas aqui na favela não se pode dormir, porque os barracões são úmidos, e a Neide tosse muito, e desperta-me. Fui buscar água e a fila já estava enorme.

Que coisa horrível é ficar na torneira. Sai briga ou alguém quer saber a vida dos outros. Ao redor da torneira amanhece cheio de bosta. E quem limpa sou eu. Porque as outras não interessam. ...Quando cheguei na favela estava indisposta e com dor nas pernas. A minha enfermidade é física e moral. (JESUS, p.81, 2001)

Além do espaço físico, o que mais marca a escrita da autora é a constante presença da fome. Por ser um diário, a escrita se desenvolve ao longo dos dias e de forma datada, onde é possível perceber que a fome faz parte do dia a dia. Nesse aspecto, a escritora também é ciente da desigualdade que ocorre no país, utilizando mais uma vez das suas palavras simples, mas verdadeiras.

...Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer:

— Muito bem, Carolina. Os generos alimentícios deve ser ao alcance de todos. (JESUS, p.34, 2001)

Entre a fome e o quarto de despejo, Carolina de Jesus nos conta por meio dos seus olhos e palavras, a realidade dos muitos moradores do Canindé. Luciana Paiva Coronel, em seu texto *A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus* (2014), consegue descrever de forma clara a esperança que Carolina carrega em seu texto. Porém, por outro lado, Coronel coloca Carolina como uma pessoa egocêntrica, quando comparada aos seus vizinhos. A mesma se coloca como alguém diferente dos demais moradores do Canindé, visto seus relatos sobre as constantes brigas e também por não ter uma boa relação com todos. Coronel utiliza apenas os trechos do diário em que Carolina se mostra contrária às atitudes dos outros moradores.

...Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais. (JESUS, p.17, 2001)

Porém, as intrigas e desentendimentos são incentivos do próprio ambiente, pois, quando se há fome e falta de infraestrutura básica de moradia, não há como querer que os favelados tenham uma boa relação, visto que não possuem uma vida minimamente digna. Jesus escrevia diariamente de dentro da própria favela, de forma

crua e não polindo as realidades que ocorriam diariamente. A mesma se colocava no todo da favela, mas, assim como os demais moradores, não gostava de ser favelada e viver na miséria, visto que não há ninguém que veja vantagens na pobreza ou queira permanecer nela.

Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS, p.33, 2001)

...Perguntei a uma senhora que vi pela primeira vez:

—A senhora está morando aqui?

—Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho muito nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se puzessem os porcos aqui, haviam de protestar e fazer greve. Eu sempre ouvi falar na favela, mas não pensava que era um lugar tão asqueroso assim. Só mesmo Deus para ter dó de nós. (JESUS, p.43, 2001)

A autora, quando escreve sobre os pesares da vida de favelada, almeja sim uma vida melhor, porém, não se coloca diferente dos demais. O que difere a mesma dos outros moradores, é a sua vontade de escrever e o sonho em ser uma escritora e publicar seus escritos. Coronel (2014) ainda fala que “Passada a euforia do sucesso, a autora devia voltar humildemente ao anonimato da vida pregressa e ainda reconhecer que nem mesmo no auge da fama teve reconhecimento cultural como artista”. Porém, a crítica não deve ser voltada a Carolina M. de Jesus, visto que a mesma apenas desejou realizar o seu sonho de ser escritora. Quando a mesma não teve uma carreira longa e de sucesso assim como diversos outros escritores de nosso país, há novamente ocorrências de racismo e questões de classe que fizeram da sua obra famosa, mas onde a escritora não foi aceita como tal. Na sua escrita, Jesus utilizou das palavras para criar um caminho de esperança e um objetivo para querer continuar sobrevivendo, pois, como bem coloca Nascimento (2020), é por meio da sua escrita que Carolina M. de Jesus consegue se auto definir e criar a resistência do seu ideal.

Foi por meio dos seus diários, da sua intimidade e também das suas concepções que a autora consegue nos levar ao centro da favela, a compreender como enxergam os moradores desses locais no seu dia a dia. A sobrevivência é um ato diário, assim como a esperança da mudança, seja para si, seja para seus pares.

É importante que, ao ler os seus textos, se tenha o respeito e uma visão clara de quem reside na favela está lá por ter sido o que lhe sobrou e não por escolha.

5. PRETA FERREIRA E SEU DIÁRIO: A PRISÃO COMO QUARTO DE DESPEJO

Eu fui presa por não aceitar essas imposições e as injustiças de governo que age contra o pobre, trama para silenciar e amedrontar. (FERREIRA, p.47,2020)

5.1 Preta Ferreira e a (in)justiça brasileira

Janice Ferreira é seu nome de registro. Porém, por conta das posturas e lutas que assume na vida, prefere ser chamada de Preta Ferreira, um nome forte e que pertence a um corpo e alma potentes. Ao visitar o *site* do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) - o qual Preta constrói juntamente com a sua mãe, Carmen Silva, uma das fundadoras do MSTC – há uma apresentação sua. Nele, Preta é descrita como escritora, cantora e ativista dos movimentos sociais, mas, principalmente, como uma lutadora pelo direito a moradia para todos.

Multiartista, comunicadora inata e de formação, trabalhadora trabalhadeira, tem como vocação transformar o mundo em que vive, com vistas ao desenvolvimento cultural e econômico, a partir de pequenos grupos, com promoção da paz e justiça social. (MSTC)

Em seu livro *Minha Carne* (2020), Preta Ferreira insere o leitor na história ao narrar sobre sua trajetória até São Paulo, a qual iniciou no ano de 1999. A autora sempre teve uma relação próxima à sua mãe, a qual se mudou para São Paulo em busca de uma vida mais digna para si e para seus filhos. Como quase toda família que se constitui sem privilégios sociais e que se depara com o machismo e o racismo, Carmen Silva precisou escolher um caminho para sair da violência doméstica, que infelizmente permeava seu casamento. Foi assim que Preta teve na mãe um grande exemplo de luta e resistência e soube, então, que nunca estaria sozinha. Mesmo que a vida insistisse para que Preta deixasse de sonhar e se convencesse de que a arte e a cultura não eram sonhos possíveis para si, ela teimou, brigou e seguiu os caminhos difíceis e imprevisíveis para quem escolhe a arte e cultura. Formou-se em Publicidade em 2012, e é hoje uma das maiores artistas das vozes negras do Brasil, destacando-se como artista e ativista dos direitos humanos. Em paralelo com a sua carreira, Preta Ferreira mantém forças voltadas às ocupações da cidade de São Paulo, visto que

foram a sua primeira morada quando chegou à cidade, assim como foi um dos primeiros passos para ser uma grande artista em nosso país.

E sinto que tenho que retribuir ao mundo o que o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) fez por mim. Foi esse movimento que me empoderou, me ensinou que todos tem o direito à moradia digna, saúde, educação e lazer. E assim surge meu ativismo pelo direito à cidade e à equidade. (FERREIRA, p.19, 2020)

Com o intuito de que se possa compreender como a vida de Preta Ferreira teve uma reviravolta que a transformou de militante por justiça social e moradia digna, à presidiária e autora de um diário no cárcere, cabe, primeiro, contextualizar os movimentos de ocupação urbana. De acordo com os estudos de Roberta dos Reis Neuhold, em sua dissertação intitulada *Os movimentos de moradia e sem-teto e as ocupações de imóveis ociosos: a luta por políticas públicas habitacionais na área central da cidade de São Paulo*, de 2009, esses movimentos buscam representar a ocupação de locais que não estão sendo utilizados ou mesmo abandonados, o que difere de invasão, que remete à ideia de invadir pela força, de forma agressiva e desrespeitosa.

Nos anos que configuraram o Golpe Militar de 1964, os espaços urbanos tiveram uma grande mudança quando, por conta das crises econômicas do país e da elevação do êxodo rural, a população urbana nos centros do país aumentou de forma considerável, sendo boa parte constituída pela população negra (GONZALEZ, 1982). Para além das questões trabalhistas e econômicas, havia também uma necessidade básica para os habitantes das cidades: moradia. Para a população pobre e marginalizada, foram os espaços destinados pelo governo: a favela e os locais periféricos, longe do centro da cidade e, na maioria dos casos, sem saneamento básico e/ou espaços de lazer, por isso. Porém, como boa parte dessa população fazia parte da mão de obra da cidade e nutria as empresas e indústrias com sua força de trabalho, havia a necessidade de deslocamento ou, por lógica, a urgência em habitar espaços mais próximos ao centro. Como bem colocado por Gonzalez (1982), a intenção sempre foi impedir a unidade e organização dos grupos dominados, utilizando todos os meios possíveis, utilizando do discurso de ordem e segurança para justificar a repressão.

A necessidade de moradia digna sempre existiu, desde antes da assinatura da Lei Áurea, até hoje os negros buscam espaços para viver e trabalhar dignamente.

Acerca dessa pauta, há registros de que desde a formação dos chamados cortiços, no século XIX, os moradores já reivindicavam seus direitos e lutaram contra os despejos e altas taxas nas cobranças das moradias, como debatem Luciana Tatagiba, Stella Zagatto Paterniani e Thiago Aparecido Trindade (2012), em seu artigo intitulado *Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de ação do movimento de moradia de São Paulo*. Indo ao encontro dessa discussão, o fato de existirem inúmeros imóveis desocupados e ou abandonados no centro da cidade de São Paulo e que não desempenham sua função social além de, muitos deles, possuírem imensas dívidas para com a união, leva as organizações como o MSTC a vê-los como forte potencial de solução para o problema de falta de moradia para quem dela necessita.

Nesse sentido, a lógica do sistema é simples: quando há imóveis sem moradores e quando há pessoas que necessitam de moradia é preciso equacionar. Assim, além de ser um direito básico, segundo o *Artigo 17 da Declaração dos Direitos Humanos* (1948) que diz: “Toda a pessoa, individual ou coletiva, tem direito à propriedade. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua propriedade”, também deve ser uma demanda governamental, porém, não é o que ocorre no Brasil, tampouco na cidade de São Paulo.

As atuais ocupações dos centros urbanos, são a herança das lutas iniciadas pelos moradores dos cortiços dessas mesmas localidades e, “É em referência a esse cenário de negação de um direito básico de cidadania que o movimento de moradia erigiu-se como ator coletivo sob a chave do direito à moradia digna”. (TATAGIBA, ET AL, p.400, 2012). Esse movimento, por se tornar essencial para garantir moradia (um direito básico) a pessoas em nosso país, se torna necessário ao longo do tempo, ganhando cada vez mais força nos dias de hoje.

Antes mesmo de Preta Ferreira ser moradora de São Paulo, sua mãe, Carmen Silva, já construía os movimentos de moradia com muitos outros habitantes da cidade. Assim como as favelas, esse movimento tem, para além de uma significância social, também racial, visto que a maioria da população pobre e marginalizada é negra e, em grande parte, constituída por mulheres negras, assim como a mãe de Preta e assim como Carolina Maria de Jesus: ambas mulheres que lutaram contra a pobreza e buscaram um futuro digno para si e para seus filhos.

Meu crime foi nascer mulher, preta e pobre em um país racista e machista, onde quem luta por seus direitos é alvejado ou preso injustamente por criminosos de colarinho branco. Ainda acham que somos escravos e

devemos aceitar suas migalhas, ainda acham que devemos nos curvar, nos silenciar diante de tanta injustiça e desigualdade social. (FERREIRA, p.50, 2020)

Preta construiu e ainda constrói os movimentos por moradia digna, mas, justamente por ter em paralelo a esses movimentos uma carreira artística, cresceu e se tornou um dos nomes mais importantes da cena musical no Brasil, e foi assim que conheceu diversos artistas do país. Junto a sua carreira, sempre deixou clara a sua luta por moradia, assim como o seu posicionamento político, que critica os governantes exploradores de direita. Além disso, busca, através de sua arte e lutas diárias, uma maior visibilidade às injustiças sociais que ainda ocorrem no Brasil. “Estão exterminando os pobres, matando o povo, e não só no genocídio cometido pela polícia. Há o genocídio social, o genocídio dos excluídos, a herança da escravidão” (FERREIRA, p.154, 2020).

Em 2019, quando foi presa injustamente, também foi o ano em que o país adentrou nas profundezas do fascismo e sofrendo com a carência de um governo que focasse suas ações para e pelo povo e não contra ele. Preta Ferreira, justamente por ter uma luta identitária, ser uma das vozes que representa ainda hoje a oposição ao governo fascista, virou alvo dos governantes e da polícia de caráter genocida. Em entrevista para o Brasil de Fato, durante o período do cárcere, em 2019, Preta Ferreira fala sobre a sua prisão injusta e indevida. Segundo ela, estas são as armas usadas pelos governantes autoritários para desestabilizar o movimento de ocupações.

O que existe no Brasil no judiciário é uma seletividade, é o que está acontecendo nesse momento atual da república. Para quem serve a justiça? Para quem tem dinheiro? Onde está a justiça? Como se faz justiça nesse país? Meu irmão nem faz parte do movimento e está preso [...]. A nossa detenção não é ameaça, mas faz parte de um plano: prende-se às lideranças, amedronta quem não tem moradia, e aí acaba porque os verdadeiros criminosos estão lá, vestindo colarinho branco. (SUDRÉ, 2019)

Nessa mesma entrevista, Preta fala sobre como se organiza o movimento 9 de Julho (do qual faz parte do MSTC e é liderado por sua mãe). Explica, ainda, que os moradores realizam uma contribuição mensal, para manutenção do prédio. Essa é uma importante informação, visto que a sua prisão ocorreu por uma denúncia anônima, informando que Preta estava envolvida em desvio de dinheiro nas ocupações, segundo a mesma informa durante a entrevista e em seu livro.

Neuhold (2009) destaca que os movimentos de ocupação denunciam a quantidade de imóveis abandonados e solicitam canais mais diretos para dialogar

sobre as moradias para a população de baixa renda nas áreas do centro, assim como exigiam o funcionamento das políticas sociais na cidade. Essas demandas, que partem da população pobre, mostram as injustiças do país: defender moradia digna e ocupação dos centros, se tornaram ameaça para os governantes dos últimos anos. Por isso, tudo que é ameaça ao capital, à propriedade e à ordem estabelecida precisa ser barrada, paralisada, desmerecida e afastada dos demais. Hasenbalg (1982) já explicava que o racismo é um dos mecanismos utilizados para a manutenção da dominação de classes, em benefício do capitalismo. Assim, Preta vai para a prisão e leva consigo a carga de abandonar os seus e deixá-los à mercê dos donos do capital imobiliário.

Prédios ociosos, favelas. Eles não querem pobre se dando bem, eles querem pobres morando nas piores zonas, só aparecendo pelas portas dos fundos para trabalhar - o elevador tem que ser o de serviço, pois o cachorro da madame não está acostumado com negro. (FERREIRA, p.110, 2020)

Mas, justamente por ser uma liderança das minorias, acostumada a lidar com o fascismo e suas artimanhas e trapaças, quando Preta Ferreira foi presa, suas forças ancestrais acompanharam-na e, no cárcere, encontra formas de nutri-las. A esperança vem em forma de encontro. Ela encontra mulheres que em situação ainda piores do que a sua, as quais precisavam de sua sabedoria de mulher estudada que era. Leonardo de Souza Moretto em seu trabalho *Prisões políticas* (2021), nos fala que a criminalização desses movimentos ocorre quando os interesses dos movimentos sociais colidem com os da classe dominante, tendo reações para a mudança dos status dessas pessoas. Assim, o diário de Preta aponta para outras vozes além das dela. Traz vivências de outras mulheres que também esperam por justiça e por liberdade.

Fui separada da minha família, dos amigos, da luta, fui humilhada, torturada, mas não baixe a cabeça. Minha vida não se limita a essa prisão. A fé que tenho em Deus e na Sua justiça é maior. A verdadeira justiça vem de Deus, do universo, das forças ocultas, dos orixás, é nisso que confio. (FERREIRA, p. 191, 2020)

5.2 Mulheres (CanCELAdas): a história narrada desde dentro do despejo

É a carne mais barata que você deseja

É a minha carne que você deseja - Preta Ferreira, canção "Minha Carne" de 2020.

Assim como Preta, diversas outras mulheres foram e ainda são presas de forma injusta, sendo alvo das desigualdades que ocorrem no Brasil. Em países subdesenvolvidos como este, as prisões são utilizadas como primeira resposta ao que acontece de errado ou sai do controle da ordem do capital; mesmo para os crimes que não possuem provas, são elas que se impõe como solução. Por conta disso, estão abarrotadas de encarceradas que aguardam julgamentos que nunca chegam. São as mulheres, mas principalmente as mulheres negras, o principal alvo dos movimentos de encarceramento.

De acordo com a pesquisa de Andrea Pires Rocha (2020) em seu trabalho *Segurança e Racismo como pilares sustentadores do Estado Burguês*, no sistema capitalista, as instituições prisionais têm por função diversos instrumentos sociais racistas e eletivos, e isso ocorre durante toda a construção de legislações que são voltadas ao controle da população pobre e negra. Ou seja, no Brasil, além das favelas e das (não)moradias (rua), as prisões são um dos lugares destinados à população negra e de classe baixa. No caso de Preta Ferreira, ao ser presa, vivenciou durante 108 dias como é o cárcere por dentro das grades e sentiu na pele o que significa ser vítima de um estado opressor, racista e misógino, por defender aquilo que acredita e por buscar a mudança.

Sinto como se tentassem me colonizar.

Quem disse que preciso de reeducação? Aqueles que me forçaram a estar neste lugar foram os mesmo que dizem fazer a “justiça”, os mesmo que cometem um crime atrás do outro. A “justiça” desse país é seletiva e racista, e eu nunca serei a tal Preta de “alma branca”, vou sempre ser a Preta que tem sede de justiça para o povo preto. (FERREIRA, p.102, 2020)

A reeducação de Preta, especificamente, seria colocá-la em seu devido lugar, como se a prisão fosse um aviso perante as suas atitudes como ativista. Durante sua prisão, Preta Ferreira ficou em cela especial, devido a sua formação em Nível Superior. Percebia-se em outro local perante as demais negras na prisão, pois era uma das únicas mulheres negras neste tipo de cela. Precisava, então, valer-se deste diferencial para fazer algo pela coletividade. Nesse sentido, ao escrever seu diário, não falou somente de si, mas também utilizou da sua escrita para contar a história de outras tantas mulheres que ali estavam.

Falei de peito aberto sobre o sistema prisional, sobre aquelas que estão presas injustamente, sobre o número de mulheres que, assim como eu, estão lá sem julgamento - eu estou há 39 dias, e há outras que estão há anos, não

tem família, não tem advogado, não tem expectativa de vida...mesmo presa, eu me sinto privilegiada, tenho cela especial, advogados, família e amigos. E as outras? Por que a injustiça me segue em todos os lugares? (FERREIRA, p.99, 2020)

O trecho citado refere-se à entrevista que Preta realizou com os Jornalistas Livres, durante a sua prisão em 2019. Por ser uma ativista reconhecida e pela sua prisão ter tomado grandes proporções em nosso país, diversos artistas, pessoas públicas ligadas a partidos políticos e a população em geral acompanhou o caso da sua prisão. Durante as entrevistas e visitas, Preta falava de si e solicitava atualizações sobre seu caso, mas também lutou pelas suas companheiras de prisão. “Estou pensando em montar uma ONG para ajudar as reeducandas que não têm oportunidade. Quero fazer esse projeto para durante a prisão e depois” (FERREIRA, p.86, 2020). Assim como Carolina Maria de Jesus, Preta falava das suas, da vizinhança, seja pelos seus conselhos e companheirismo, seja pelo lado ruim das relações e convívio na cadeia.

Diferente da detenção injusta de Preta Ferreira, a qual foi uma acusação política, a maioria das reeducandas (assim são chamadas dentro da prisão, pois, segundo o sistema que as priva de liberdade, estão sendo reeducadas) acabam na prisão por conta das suas relações, quase sempre passionais, com homens. Ou seja, tanto livres quanto prisioneiras, as mulheres têm sempre suas vidas e destinos dirigidos/ditados e comandados pelo sexo masculino. A força patriarcal insiste em prevalecer sempre.

A maioria das mulheres está aqui quase pelos mesmos motivos. E foram homens que destruíram a vida dessas mulheres. Maridos, amantes, ex-namorados. Tem até ex que acusou e depois acusou a enfermeira, sua ex, de tentativa de assassinato junto do seu atual namorado. (FERREIRA, p.77, 2020)

Há diversos casos de mulheres que foram sentenciadas por conta dos homens em sua vida, mas também há as questões raciais que envolvem as prisões femininas. Angela Davis fala em sua obra *Estarão as prisões obsoletas?* (2003), sobre como a punitividade com mulheres negras ocorre desde os tempos da escravidão, gerando hoje, dentro das prisões, uma diferenciação entre negras e brancas.

Enquanto as mulheres brancas tinham por cultura serem criadas para ser donas do lar e mães, as negras sempre estiveram na labuta das colheitas, ou seja, o papel reservado a elas sempre foi do trabalho pesado e físico. Davis (2003) coloca pontos

importantes de como os crimes cometidos pelas brancas muitas vezes eram (e ainda são) classificados como insanidade (problemas mentais), enquanto os crimes cometidos pelas mulheres negras, são julgados como crime.

Engana-se quem acha que os piores crimes foram das negras. Os piores e mais bárbaros são os das mulheres brancas e de classe média alta. Isso não saiu em nenhuma pesquisa, fui eu que ouvi todas enquanto estive com elas, ouvi todos os crimes, como planejaram, como executaram, etc. (FERREIRA, p.98, 2020)

É importante salientar que o relato de Preta é um recorte do seu período presa, porém, a questão é muito mais ampla e vem desde muito, muito tempo. Em quantas outras prisões essa realidade é comum? Ou seja, quantos crimes bárbaros são cometidos pela população branca, mas o foco se volta para a população negra e é este grupo que normalmente (e injustamente) tem as maiores sentenças, tem os piores locais (celas) e ainda carregam os estereótipos do mundo do crime?, como bem coloca Mayara Ferreira Mattos em *A cor do medo em um território inimigo* (2021), há uma seletividade arbitrária pela polícia, construindo a noção de suspeito e explicitando o racismo institucional, visto que esses suspeitos normalmente são moradores negros que residem nas áreas marginalizadas. O racismo acompanha a criação das prisões, assim como a estruturalização da segurança em nosso país e no mundo tem o racismo como um de seus pilares.

A prisão de Preta Ferreira e a escrita de seu diário, são materiais de denúncia e importantes documentos que revelam a quem se propuser a ver/estudar as condições precárias e comportamentos racistas que permeiam os espaços carcerários.

5.3 Os registros de Preta Ferreira em 108 dias como reeducanda

Assim como Carolina Maria de Jesus, Preta Ferreira também escolheu o diário como gênero textual para traduzir em palavras escritas os seus dias na prisão. Por isso, há um forte intimismo presente em cada trecho. É possível notar que as emoções da autora ultrapassam o simples registro de seus próprios sentimentos, medos e angústias para serem a representação de uma coletividade. Assim, causam, no leitor, a estranha sensação de que de seus olhos, começam a verter água.

Eu já pensei em várias formas de acabar com a minha vida, mas, calma, eu não tenho coragem para tanto. Também sei que é o diabo tentando entrar em

minha mente, que ainda tenho muito o que viver, muito para lutar e conquistar. Minha mãe não merece essa dor. (FERREIRA, p.79, 2020)

Nos momentos em que Preta escreve, é possível perceber o cuidado de si e o diário como um meio de registrar e revisar os pensamentos e ideias que teve durante o período presa, mantendo uma comunicação consigo, conforme Ana Cláudia de Oliveira da Silva explica em *As escritas de si e a emergência da autoficção* (2017). Através do relato que faz, é possível identificar como o exercício da escrita fez parte da sua rotina na prisão, sendo muitas vezes a sua âncora naquele local de solidão. É como se precisasse escrever para não enlouquecer. “Escrevo tanta carta que já terminei com a tinta de três canetas, esta que uso agora já está no fim também [...]” (FERREIRA, p.98, 2020). Além do diário, mantinha trocas de correspondências, leitura de livros e conversas com suas companheiras, para as quais deixava claro seus medos, seus pensamentos, mas também a sua esperança em ter a liberdade outra vez, assim como a sua relação com os que estão de fora da prisão.

O problema disso tudo é o gigante volume de cartas a que tenho que responder. Se no celular eu não deixava de falar com ninguém, não será por cartas que farei isso. Acho emocionante receber correspondência, tem umas aqui das crianças, com desenhos. (FERREIRA, p.98, 2020)

Além das cartas, Preta conseguiu manter uma relação com sua família durante as visitas e, por conta da repercussão do seu caso, realizou diversas entrevistas e conversas com pessoas da área da política, dos meios de comunicação e do direito, que cuidavam do seu caso. “Geralmente as presas da cela especial recebem visitas dos advogados no salão, mas eu recebo no salão presidencial.” (FERREIRA, p.91, 2020).

Os contatos que teve com o mundo exterior ocorreram em paralelo a sua prisão, onde teve tratamentos diferentes das demais reeducandas, pelo fato de ser uma preta estudada. Contudo, esse atributo foi usado por ela para também, conseguir que mudanças ocorressem para todas ali dentro.

Quase sempre tenho que me fazer de forte, pois sempre uma de nós está triste, desesperançosa. Eu solto palavras certas e precisas, nem sempre aliso, tem horas que tenho que dar um choque de realidade. [...] Estou pensando em montar uma ONG para ajudar as reeducandas que não tem oportunidade. Quero fazer esse projeto para durante a prisão e depois. (FERREIRA, p.86, 2020)

Em cada palavra sua, é possível ver o desconforto que beira a revolta, por ser privada de sua liberdade: "Falta um dia para um mês completo de injustiça. Um mês

de uma prisão mentirosa, fraudulenta. Que indignação!” (FERREIRA, p.61, 2020). O que mais a atormenta, e fica evidente em seu relato, é que foi presa sem ser que realmente fosse culpada de algo. “Sabe, não é fácil estar em lugar desses, não mesmo, ainda mais quando se é inocente e se tem provas disso [...]” (FERREIRA, p.63, 2020). Contudo, em tantos outros momentos, também é visível sua vontade de mudança na vida dessas outras mulheres. Preta conseguiu ver um outro lado que não tinha contato direto: além da luta por moradia, ela encontrou uma nova luta a que agregar: pelas mulheres negras presas injustamente.

O racismo faz parte da estrutura das prisões e, principalmente, das injustiças que ocorrem nesses locais. Preta denuncia, então, que são as mulheres negras as que mais sofrem dentro do sistema carcerário, mesmo tendo cometido delitos mais leves que as brancas. Com ela não foi diferente: sua prisão foi mais um dos casos de racismo que fazem parte das histórias das prisões do país.

Nesse sentido, Rocha (2021) fala em como o racismo é um dos pilares do estado burguês e também é algo estrutural, está imbricado na constituição da sociedade burguesa capitalista excludente. Da mesma forma, Gonzalez (1982) denuncia que, com a divisão racial do espaço, também ocorre o racismo no que diz respeito ao tratamento policial. Para a população branca, eles possuem o papel de protetores e cuidadores da ordem e do bem estar, mas, nos espaços destinados à população negra e pobre, ocorre o contrário: seu papel é oprimir, violentar e colocar medo.

Preta vive entre dois mundos: o do quarto de despejo, que é a cela, trancada e sem comunicação, e a sala de visitas, que é o salão presidencial da prisão, onde faz suas entrevistas, conversas e que representa como meio de denúncia da injustiça que está vivenciando. Quando está na cela, como reeducanda, Preta direciona o leitor à realidade daquele momento: a tranca, o silêncio, a comida ruim e as conversas com as demais mulheres de lá, assim como o tratamento que recebem.

Todas as noites, a gente inventa um assunto pra ficar falando na boqueta, é um jeito de tentar passar o tempo. As noites são solitárias, a gente só consegue se ver no outro dia quando abrem as portas, às 9h da manhã. (FERREIRA, p.96, 2020)

Agora são 17h e já estou na tranca, que é o pior momento. Às vezes fico olhando o anoitecer através das grades, ouço as mariticas e converso com Deus, que é o único que me ouve. (FERREIRA, p.96, 2020)

O silêncio também se revela um importante confessor para a autora, são nos momentos de ausência de sons externos que seus pensamentos fluem melhor e, assim, parece facilitar a conexão direta com suas crenças: ela consegue falar com Deus. Esta conversa parece auxiliá-la em seu modo de agir, quando o dia recomeça e as grades voltam a abrir-se para o reencontro com as demais prisioneiras.

Quando está na sala de visitas, Preta conversa com pessoas que conhecia antes da prisão e que têm voz para denunciar e fazer o alarde necessário e chamar a atenção do mundo para a injustiça da sua prisão. Contudo, vale-se desses encontros, também, para falar sobre o que acontece lá dentro com as demais prisioneiras; ela denuncia situações de abusos e descasos para com suas companheiras mulheres negras. Dessa forma, em algumas situações, intervenções são feitas e pequenas conquistas acontecem.

Pode-se analisar esta situação, novamente, comparando a sala de visitas com o quarto de despejo. Ao mesmo tempo em que Preta percebe que mudanças estão acontecendo ali, nota, também, que são temporárias, somente por causa de sua presença, por causa do foco que a mídia dá para o caso, por causa dos momentos em que ela está na sala de visitas. Assim, nota que o que fazem não é algo feito para as presas ou por vontade da administração, mas pelas atenções voltadas para sua prisão.

Tenho que ajudar essas presas, meu Deus, é muita injustiça que eu vejo todos os dias. Engraçado, hoje pela manhã uma companheira ouviu dos pedreiros que a Erundina viria me visitar; quando fiquei sabendo, até ri, pois achei que haviam confundido [...]. Agora que vejo esse 'cuidado' todo do presídio para comigo, acho injusto. Por que eles não poderiam fazer as coisas naturalmente? Precisa mesmo de visita política para eles fazerem o que recebem pra fazer? Quanta injustiça. (FERREIRA, p.121, 2020)

Dentre todos os acontecimentos, Preta tem a certeza de que o dia da sua liberdade chegará, e sonha com isso diariamente. Ela tem a clareza das indicações que a levaram à prisão, assim como também consegue fazer uma análise social naquele ambiente. Silva (2017) explica que quando a pessoa escreve sobre si mesma, há uma prática de autoexame de pensamentos e atos do dia a dia. Além de escrever em forma de diário, relatando seus dias, Preta também está isolada da sociedade e possui poucos contatos com o exterior da prisão e praticamente nenhum com a tecnologia. A sua prisão ocorreu em 2019, quando tinha uma vida agitada e comunicativa; era uma artista ativa e participante dos movimentos sociais. A sua

prisão, além de ser injusta, tirou a sua liberdade e a isolou da sua vida e da rotina. “Às vezes me pego pensando em como posso estar presa e, por alguns instantes, me vejo em outro lugar; então, quando abro os olhos, me vejo na cela, trancada, sozinha.” (FERREIRA, p.135, 2020).

Assim como Carolina, a autora de *Minha Carne* viveu e relatou uma vida, pois havia uma Preta antes da prisão e, hoje, há outra, depois dessa experiência. A sua narrativa e as mudanças provocadas pela sua luta naquela prisão de mulheres, as quais não só dividiram suas histórias com ela, mas também seu espaço e suas vontades, são de extrema relevância na luta das mulheres negras do Brasil e mostram um outro ângulo do racismo estrutural que ainda é forte por aqui. Nesse sentido, Rocha (2020) traz uma importante reflexão: “[...] os aparelhos repressivos do Estado estão presentes em ambos os lugares, para alguns como proteção e para outros repressão, naturalizando-se também as prisões como lugar para as pessoas negras” (p.01). O diário de Preta, então, se transforma em um documento datado do que acontece no cárcere e com as mulheres que lá estão, trazendo para fora das grades a cruel realidade vivenciada na tranca e que dialoga com a de Carolina, vivida há tantos anos atrás, livre, apesar da escravidão, onde a mesma fala: “Esta prisão parece um navio negreiro com seus escravos acorrentados no porão” (FERREIRA, 2020)

Quando lia sobre isso nos livros de história, eu me revoltava e, ao mesmo tempo, achava que esse tempo não voltaria nunca; por ironia do destino, descobri que tem volta ao presente, ao passado e ao futuro. Nada mudou, só o ano.

Aqui estou eu, presa num futuro que fizeram para mim, tipo as mentiras que eles contavam na escola, na aula de história. (FERREIRA, p.4, 2020)

Ou seja, o navio se transformou em prisão e os porões em celas. Preta consegue perceber a herança da escravidão presente nos dias atuais, onde ela mesma foi empurrada para dentro do barco.

6. A FAVELA, A RUA E A PRISÃO - OS QUARTOS DE DESPEJO DO BRASIL

Para Bastos (2021) a clareza das palavras que registram os momentos vividos mas também os pensamentos e conversas consigo mesmas, em vista de uma ideia de continuidade da escrita e também da vida visando um futuro melhor é marca das autoras. Normalmente, o momento temporal escolhido para ser relatado durante a escrita é um momento ruim ou mesmo porque quem escreve, não tem outros meios de ser ouvido e por isso escreve o que vivencia. Carolina e Preta queriam ser ouvidas

(e são até hoje), mas as suas dores e anseios também fazem parte da trajetória da população negra e pobre. O sonho com a liberdade e a esperança em meio às desigualdades e os exemplos de mulheres, fazem com que as suas histórias sejam escritas tão relevantes e, como coloca Carolina: “Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia”. (JESUS, p.39, 2001)

6.1 Transitar entre o quarto de despejo e a sala de visitas: da favela à cidade, da ocupação ao centro e da prisão à liberdade

Por que é tão importante pensarmos nos espaços físicos? Ao serem analisadas as histórias de Carolina Maria de Jesus e de Preta Ferreira, é possível notar que os espaços são, também, importantes personagens das narrativas; são tão relevantes quanto quem os escreve. São estes espaços que projetaram mulheres como as duas escritoras que aqui destacamos. São nas favelas, nas prisões e nas ocupações que as histórias destas mulheres aconteceram. São nestes espaços, criados socialmente ao longo dos anos, onde são segregadas e segregados homens e mulheres pretos.

O racismo, a pobreza e as desigualdades fizeram com que os espaços físicos também fossem afetados e idealizados para cada tipo de sujeito. Neste sentido, Gonzalez (1982) destaca que a divisão racial do espaço é justamente a divisão do espaço físico/geográfico, entre os espaços dos dominantes (ricos e em sua maioria, brancos) e espaços dos dominados (população pobre e em maioria negra). É importante compreender que essa separação se dá por meio de políticas e estratégias de governo. Isso é visto até nos dias atuais, como o caso de morte que ocorreu no dia 25 de março de 2022, onde um homem negro foi morto asfixiado em um porta-malas pela polícia de Sergipe. Segundo o site da CNN Brasil (2022), a ONU interviu para que o caso fosse investigado mais rapidamente porque a justiça brasileira, como na maioria dos casos de racismo, fazia vistas grossas ao caso. Esse é apenas um dos acontecimentos tidos como isolados em nosso país, mas que são voltados à população pobre e negra.

Assim como Preta Ferreira, há diversas outras mulheres que, em sua luta por direitos para a população, tornam-se alvos do governo. Cerca de um ano antes da prisão de Preta, a morte da vereadora Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Pedro Gomes, abalaram o Brasil todo. Caso esse, que ainda em 2022 não teve

resolução. Antes de Preta e Marielle, Carolina Maria de Jesus - morreu pobre e sem reconhecimento, mesmo tendo seu diário traduzido em mais de 40 países pelo mundo.

Nasci em uma república elitizada, onde posso ser alvo de quatorze tiros (como Marielle Franco), oitenta tiros (como Evaldo Rosa) e ser presa por lutar por direitos constitucionais [...]. O que temos em comum? A cor da nossa pele, a falta de oportunidade e a escravidão que nos acompanha desde a invasão portuguesa a essas terras. O racismo virou câncer no Brasil. (FERREIRA, p.39, 2020)

Mas, o que as prisões e favelas têm em comum? Ao atentar às palavras de Carolina e de Preta, nota-se que há uma similaridade entre os textos. Percebe-se que, tanto nas favelas como nas prisões, a maioria da população é negra e, assim como nos dois textos, há também o recorte de gênero e o recorte de classe nesses espaços.

6.2 A divisão racial dos espaços

Hasenbalg (1982), ressalta que a má distribuição dos espaços físicos, assim como os atos racistas do grupo dominante criam as desigualdades de mobilidade. Contudo, é preciso somar a essa fala que aborda as discrepâncias entre os grupos, a distribuição de moradias e também a falta de segurança. Quando são separados de forma racial o espaço físico, também se delimita onde as pessoas podem circular e residir, de acordo com a cor da pele que possuem.

Como já se destacou anteriormente, Carolina fazia percursos da favela ao centro da cidade, comparando ambos com partes de uma casa: o centro é a sala de visitas e a favela, o quarto de despejo, lugar que, para ela, é sempre um local para retornar, o qual o coloca em marginalidade: a favela do Canindé. Nesse espaço onde Carolina residia com seus filhos, há outros diversos moradores, em sua maioria negros, mas todos pobres, que não têm direito sobre a sala de visitas, apenas são autorizados a utilizá-la momentaneamente, como para catar papel, ato constante de Carolina, ou para rápidas atividades que possam servir “aos brancos donos de tudo”. (EVARISTO, p.24-25, 2021)

O que deixou-me preocupada foi o prédio ter 82 andar. Ainda não li que São Paulo tem prédio tão elevado assim. Depois pensei: eu não saio do quarto de despejo, o que posso saber o que se passa na sala de visita? (JESUS, p.71, 1960)

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, p.33, 1960)

Percebe-se que Carolina se sente desconfortável nos espaços, tanto centro como na favela, pois não possui um lugar que considera seu verdadeiro lar. Já Preta Ferreira busca a ocupação da sala de visitas, visto que - por estar em situação divergente com relação à Carolina, pois teve oportunidades de estudo e de participação em movimentos de lutas sociais – é consciente da necessidade de igualar os espaços. Percebe este lugar como herança das lutas de cortiços e, por isso, o vê como um local de direito da população pobre e negra. Porém, aos donos de tudo não veem da mesma maneira e o despejo da sala para a rua é uma realidade. O espaço da rua é então, outro local destinado a negros e pobres. Antes da prisão, então, o local destinado aos negros pobres é a rua, a porta de entrada para o grande quarto de despejo que é o cárcere.

Prédios ociosos, favelas. Eles não querem pobre se dando bem, eles querem pobres morando nas piores zonas, só aparecendo pelas portas dos fundos para trabalhar - o elevador tem que ser o de serviço, pois o cachorro da madame não está acostumado com negro. Até o cachorro come melhor que o filho da empregada, que fica com os restos jogados no lixo.
(FERREIRA, p.110, 2020)

Quando se analisam estes espaços, o que se vê de comum entre eles? Para além de um depósito de corpos não brancos, são locais à margem da sociedade. O racismo se constrói a partir da segregação racial, a segregação da pele. Ele se estende ao geográfico, delimitando quais são os espaços que essa população pode reivindicar e quais são os espaços exclusivos de brancos e ricos: a favela, as prisões e a rua, não são tidos como cidades, como locais de civilização. Hasenbalg (1982) afirma que as práticas racistas dos grupos dominantes, para além de resquícios do passado, estão relacionadas aos privilégios materiais e simbólicos que brancos possuem, devido à desqualificação racial dos negros e outros grupos minoritários. Isso pode ser elevado aos espaços físicos e sociais nos dias de hoje. É evidente a separação, basta analisar o local onde são construídos: o mais longínquo possível do centro. Estão sempre nas marginais, ao redor daquilo que é considerado sala de visitas: o centro, as casas e onde acontecem as grandes negociações comerciais. Contudo, a luta de Preta aponta para a necessidade de que esses locais precisam ser ocupados e reivindicados pela população marginalizada, visto que não é um processo normal ou comum somente aos brancos.

... As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes.

São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo. (JESUS, p.34, 1960).

O Brasil está em terceiro lugar no número de população carcerária, nós estamos entre os melhores do mundo nas piores coisas: educação, saúde, fome e moradia, entre outros quesitos. Aqui são 3 mil mulheres, ou melhor, reeducandas, 85% negras, representantes do fracasso institucional brasileiro. (FERREIRA, p.167, 2020)

Ambas conseguem perceber como a sociedade é o que transforma e é onde permanecem as desigualdades. Como é possível entender essa diferenciação racial, que está construída de forma estruturada em nossa sociedade? Como os movimentos sociais podem auxiliar no entendimento do racismo estrutural e nas formas de combatê-lo?

Como forma de melhor discutir a questão, cabe explicitar melhor alguns conceitos; ou seja, quando se fala de espaços, fala-se de racismo estrutural, e não de práticas individuais de pessoas brancas. Hasenbalg (1982) explica que as práticas racistas que ainda existentes ocorrem por meio dos benefícios materiais e simbólicos que os brancos têm, ao desqualificar os negros e demais minorias raciais. A raça é um atributo social, assim como um critério social. Dentro das perspectivas dos espaços, podemos pensar que a raça se torna então uma régua ao delimitar onde é o lugar de cada um e onde não se pode existir. Carolina poderia sim ir à sala de estar, mas de forma temporária, pois sempre retornava ao seu lugar de espaço: a favela. E quando Preta Ferreira tentou ocupar o lugar que não era o seu (o centro), foi forçadamente colocada em seu devido local: a prisão, como forma punitiva que serviria de lição a todo preto que ousasse pisar em um local que não era o seu. Ou seja, não é permitida a permanência da população negra nos espaços em que a população branca tomou como seu. “Vou provar minha inocência e provar que o MSTC é um movimento que luta por todos e ao lado de todos. Nossa luta é por moradia digna [...]” (FERREIRA, p.62, 2020).

Preta Ferreira, uma mulher que pôde estudar, em meio às batalhas de sua vida, ocupou o centro da cidade e vive em um século de comunicação, informação e tecnologia, tem consciência das desigualdades sociais que a levaram à injusta prisão e ao racismo sempre presente neste país. “Mais uma vez meus direitos estão sendo violados, mais uma vez escravizada como meus antepassados.” (FERREIRA, p.129, 2020). Não só Preta Ferreira, mas todos os envolvidos em sua história lutam dia a dia

para ocupar os locais de direito da população que está à margem - a margem dos centros urbanos, à margem dos direitos, à margem do que é prioridade em nosso país.

Além da negação de determinados espaços aos negros, os brancos também veem como algo ruim estarem nos espaços que eles mesmos colocam como normais aos negros. Ou seja, quando por ventura, um branco é jogado no quarto de despejo já se vê como injustiçado e grita que aquele não é o seu lugar e quer regressar logo à sala de visitas. São muitos os exemplos dessa situação nos textos de Preta e de Carolina. Eis o relato de Preta sobre a madame que aparece na prisão:

A mulher já chegou causando, chamando a chefe da segurança, pois queria ser transferida para a sala de estado-maior, dizendo ser advogada [...]. Ela foi se aproximando de mim e me causou estranheza. Fiquei longe, pois essas madames quando veem uma preta acham que é faxineira.
(FERREIRA, p.111, 2020)

Assim como há a distribuição dos espaços físicos, há também dos espaços sociais e empregatícios. Preta se afasta da reeducanda, visto que essa confusão ocorre com bastante frequência em diversos espaços. Gonzalez (1982) coloca que a mão de obra barata é de longa data, onde, para o trabalhador negro e pobre, são destinados os serviços menos desqualificados, como limpeza urbana, serviços domésticos, transporte e segurança. Já Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008), em sua tese de doutorado, *Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia* (2008), fala sobre os dispositivos interiorizados em cada sujeito, quando realizam escolhas com quem se relacionar, diante dos seus interesses, na perspectiva de relacionamentos afetivos. Nesse sentido, pode-se também analisar como são feitas as escolhas de espaços de convivência e como a cultura interiorizada em cada indivíduo faz com que se tenha e se prolongue a cultura racista da divisão dos espaços físicos e o não pertencimento a esses locais. Ou seja, há que se encarar as desigualdades sociais dos espaços impostos de forma social e também das relações individuais, como quando ainda se reproduz o espelhamento dos corpos negros como mão de obra dos serviços domésticos. Já Carolina, fala sobre a perspectiva de comparação entre as atitudes que igualam negros e brancos

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, p.58, 1960)

Carolina, uma mulher com baixa escolaridade e que residia na favela, nos anos de 1950, não conseguia fazer uma leitura sobre aspectos como os abordados por Pacheco (2008). A consciência social e racial não nasce com cada um, pois, como sujeitos em uma sociedade, essa consciência se cria de forma coletiva e individual ao longo das vivências de cada cidadão.

Pensei na desventura da vaca, a escrava do homem. Que passa a existência no mato, se alimenta com vegetais, gosta de sal mas o homem não dá porque custa caro. Depois de morta é dividida. Tabelada e selecionada. E morre quando o homem quer. Em vida dá dinheiro ao homem. E morta enriquece o homem. Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações.
(JESUS, P.63, 1960)

Desorganização, essa, que a mesma se refere a como os animais são subjugados às escolhas do homem branco, e nessa perspectiva, os favelados também o são. Carolina percebe alguns aspectos da desigualdade, principalmente quando compara os espaços geográficos aos espaços de uma casa, colocando a favela como quarto de despejo. Além dos espaços, a mesma enfatiza a fome e como a comida possui um valor diferente para os mais abastados e para os favelados:

...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. E linguiça enlatada. Penso: E assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.

Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monotono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:

— Hum! Tá gostosa!

A Dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre. (JESUS, p.29, 2001)

6.3 A escrita dos mundos de Carolina e Preta

Em que a escrita dos diários aqui analisados se aproxima e/ou difere? Para além do conteúdo escrito de forma individual - mas que parece coletivo por tratar de um tema comum a tantas mulheres brasileiras -, eles foram escritos por duas negras que possuem muitas aproximações, apesar do tempo e espaço. Da mesma forma em que há semelhanças, também divergem em alguns momentos. A diferença que fica mais evidente, é a escrita, em sua literalidade.

Ao ler o diário de Carolina, boa parte dos leitores pode estranhar o estilo que possui, justamente pelo fato de que sua escrita não atende às expectativas da norma culta, geralmente empregada na escrita de livros. Em contrapartida, a linguagem que Preta utiliza em seu texto já se aproxima do padrão. Porém, é sempre importante ressaltar que Carolina não completou o ensino fundamental e por isso, sua escrita não ocorre da mesma forma que a escrita de Preta, a qual possui graduação.

Nesse sentido, ao realizar um estudo acerca desses diários, é importante retomar as pesquisas de Bagno (1999) sobre o preconceito linguístico. O autor afirma que há uma cultura de que só podemos aceitar a língua portuguesa ensinada nas escolas e que é somente essa a correta. Contudo, Carolina escreveu dentro do seu conhecimento linguístico, dentro daquilo que lhe foi ensinado e o que ela aprendeu. Assim, de acordo com os estudos do pesquisador em questão, a crença de que a autora de *Quarto de despejo* não atende os requisitos da língua padrão coloca a escrita de Carolina como um não-texto, pois não se enquadra nos requisitos socialmente aceitáveis em nosso país.

Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber... 60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de Cacao para Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou imprecisar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. (JESUS, p.13, 2001)

O não aceito aqui diz respeito ao uso da acentuação, da crase, da ortografia, dentre outros elementos da oralidade e de cunho social que se manifestam na escrita da autora. Contudo, a forte reflexão que brota de cada palavra traçada pela autora deveria minimizar, ou fazer desaparecer qualquer indício de erro, pois representam fortes marcas de uma realidade sem tapumes, sem rebuscamento que possam omitir a dura realidade por ela denunciada. Assim, há que se pensar na questão do erro referente à língua e à escrita. Bagno (1999) situa sua pesquisa quanto ao uso dessa palavra, colocando a questão de, ao invés de olharmos para um texto com a ideia de erro, podemos ter em vista uma tentativa de acerto.

A leitura dos textos de Carolina e de Preta apontam para a intenção de que ambas não possuem o compromisso com o cumprimento de regras (gramaticais), tendo em vista que seus objetivos eram maiores e reais: a busca pela liberdade e em

denunciar as injustiças que vivenciavam. Antônio Candido (2004), em sua obra *O direito à literatura e outros ensaios*, faz uma compreensão sobre a literatura quando diz que “as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem” (p.180). A ordem de que fala o autor pode ser percebida claramente nos dois diários aqui estudados: muito mais do que contar sobre suas vidas, medos, angústias e desabafos, os textos trazem a voz do caos que vivem tantas e tantas Carolinas e Pretas, através dos anos, em suas lutas diárias por sobrevivência em um país patriarcal governado por brancos.

A escolha da escrita por meio da forma de diário, de relato do dia a dia que vivenciaram, assim como de que modo foram escritos, fazem o conjunto da obra. Nesse ponto, a forma que Carolina escreveu também revela outros importantes aspectos da sua vida, que ficam claros ao decorrer do texto: a pobreza, a falta de oportunidades e as condições a que foi submetida: a conjuntura do país em relação às desigualdades sociais não permitiram que concluísse os estudos, pois precisou trabalhar para sobreviver.

..Não posso sair para catar papel. A Vera Eunice não quer dormir, e nem o José Carlos. A Sílvia e o marido estão discutindo. Tem 9 filhos e não respeitam-se. Brigam todos os dias.

...Vendi o papel, ganhei 140 cruzeiros. Trabalhei em excesso, senti-me mal. Tomei umas pilulas de vida e deitei. Quando eu ia dormindo despertava com a voz do senhor Antonio Andrade discutindo com a esposa. (JESUS, p. 20, 2001)

As pílulas de vida tomadas pela autora são formas que encontra para fugir da morte. O trabalho exaustivo e as dificuldades com os filhos e com a vizinhança revelam esgotamento; está envolta em um ciclo de maldade e injustiça do qual não tem como livrar-se. A vida não permitiu que estudasse. Precisou submeter-se a trabalhos insalubres e sob condições próximas à escravidão. Não possuía o conhecimento acadêmico ou mesmo a experiência de viver em locais considerados dignos, para que pudesse ter uma carreira de escritora, ou mesmo uma carteira assinada. Assim, resta-lhe a ingestão das pílulas para dormir e tentar projetar-se, em sonho, para outro lugar. Porém, a realidade insiste em despertá-la e fazer-se presente na voz do senhor Antonio Andrade.

O quadro de miserabilidade em que viveu Carolina, novamente se repete no Brasil atual, e nas casas de milhões de brasileiros, principalmente dos lares onde

negras pobres precisam dar conta de tudo e que não têm a oportunidade de escolha. Carolina foi uma escritora, sonhava com a escrita diariamente, mas, não teve o direito de transformar esse sonho em realidade. Mesmo a sua curta fama durante a vida, não a encaminhou à elevação social. Sem estudo, sem status social e sem uma pele clara, Carolina não era o perfil que a academia gostaria que estivesse associado ao cânone brasileiro. Aqui, novamente remetemos às palavras de Bagno (1999), quando explica que um dos mitos que ele destrói é a ideia de que é preciso saber gramática para falar e escrever bem. Carolina não possuía a gramática como algo essencial na sua trajetória, visto que não teve oportunidade de aprendê-la, mas, mesmo sem ela, conseguiu colocar em palavras toda a sua dor e história em forma de livro e, ainda hoje, tantos anos depois de sua morte, é uma obra essencial para entender, dentre tantas outras coisas, sobre a luta e a resistência das mulheres pretas em uma sociedade machista e desigual.

Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. [...]

...Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. (JESUS, p.37, 2001)

Nem para escrever, Carolina podia escolher o quando. A situação é que escolhia. Aqui, no caso, foi a chuva que decidiu que ela escreveria. As metáforas que a autora usa para definir sua vida vão além do emprego de adjetivos e substantivos conectados por um verbo de ligação. Talvez ela nem sabia que estava empregando tais termos, contudo, sentia na barriga e via nos olhos dos filhos, o significado dessa metáfora. Essa forma de tocar o leitor - a partir da profundidade da análise de uma realidade, por meio de um diário, escrito por uma favelada – coloca Carolina entre as escritoras negras brasileiras mais lidas da atualidade.

Preta Ferreira, uma mulher que ainda vive, escreveu sob aspectos um pouco distintos de Carolina. Viveu sua juventude em uma época em que havia um governo preocupado com a juventude preta e pobre e que fez muitas ações para que as universidades pudessem ser ocupadas por pessoas com a cor preta. Assim, a escritora teve formação acadêmica graças a políticas públicas, pois formou-se por meio do Prouni, segundo ela mesma fala em seu livro, *Minha Carne* (2020).

6.4 A escrita urgente e reveladora

Segundo Calligaris (1998), falar ou escrever sobre si mesmo é um importante dispositivo na modernidade, pois esperamos que o sujeito fale a verdade. Esta verdade nos coloca dentro da prisão, junto com Preta, um dos locais onde muitas das pessoas que habitam o espaço convivem com injustiças e onde há verdades cruas que ainda são difíceis de engolir. Por conta dos estudos e experiências vividas dentro das ocupações, Preta consegue fazer uma leitura analítica do espaço prisional desde o início. Isso se deve ao fato de que grande parte de sua existência, ela viveu em espaços de adversidades. Dessa forma, observava o espaço e estabelecia relações com os estudos teóricos, equilibrando a vivência e a teoria.

Todas as presas são presas políticas. Resultado do sucesso da necropolítica. A falta de oportunidade, de direitos, de governantes que realmente exerçam suas funções sem seletividade, a falta de seus direitos constitucionais, direitos que elas, em sua maior parte, nem sabem existir. São escravas desse sistema opressor e injusto. (FERREIRA, p.167, 2020)

A escrita de Preta nos envolve como a de Carolina, porém, a maneira como usa as palavras se aproxima mais da norma culta da gramática, diferentemente da autora de *Quarto de despejo*. Em diversos momentos ela escreve da mesma forma que fala, contudo, é uma fala diferente da outra autora aqui analisada, pois suas vivências foram distintas, embora a carga de ser mulher e negra no Brasil seja muito parecida. Na citação acima, Preta descreve a realidade e debate sociologicamente a partir de conceitos teóricos que estudou. No caso de Carolina, os conceitos estão internalizados, diluídos em suas palavras escritas sem apuro, mas com a sabedoria e o domínio de quem vivencia o que os outros teorizam.

O que se constata, então, é que as autoras usam as palavras de maneira diferente. Há, notoriamente, entre elas um abismo cultural, principalmente no que diz respeito à pobreza educacional que atinge principalmente a população negra, desde sempre. Contudo, ambas escritoras percorrem um caminho que inicia na pobreza e que segue através da luta por direitos. A acomodação e a aceitação da situação de miserabilidade não fazem parte de suas vidas; ambas encontram em seus caminhos a percepção das injustiças e das desigualdades e percebem que precisam agir.

Ao analisar a escrita de ambas, percebe-se que foram feitas com propósitos, pois além do registro, reconhecemos um rico material para transformar realidades, seja a sua ou a da coletividade. Como diz Carolina, “É que eu estou escrevendo um

livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém” (JESUS, p.25,1960). Lejeune (1982) coloca que a escrita de um diário, pode significar que o sujeito se fecha sobre si, isolando-se do restante do mundo e das coisas externas. Porém, o isolamento de Carolina e Preta ocorre de formas diferentes: a primeira sendo deslocada à margem do centro da cidade, a outra, realizada na solidão de uma cela. A autora (Carolina) não tem tempo. A fome não dá trégua e as necessidades pelas quais passava exigiam atitudes urgentes. Ela encontrou um caminho, uma possibilidade de, com palavras, mudar sua realidade. A mudança foi pequena, em sua época, infelizmente, somos sabedores. Preta abriu caminhos para outras pretas poderem ser ouvidas. Mal sabia ela que, muitos anos depois, seus escritos mudariam a realidade de tantas outras mulheres que, pela escrita, abrem as portas de si e estabelecem pontes com os outros.

No caso de Preta, por viver no século XXI, na era das redes sociais, onde não se pode ocultar muita coisa por muito tempo, sua história ganhou notoriedade rapidamente. Sua voz foi logo ouvida por outras mulheres negras de importância reconhecida no mundo acadêmico que lhe prestam solidariedade.

Enquanto Angela Davis dedicava seu livro a mim, eu a olhava encantada. Eu me vi no futuro - e foi inexplicável, um mix de sentimentos. Me debrucei em seus braços como se estivesse abraçando a mim mesma. Parecia que me olhava no espelho, senti como se já nos conhecêssemos havia muitos anos, não sei explicar, como se eu trocasse com meus ancestrais.
(FERREIRA, p.211, 2020)

Carolina projeta no texto suas necessidades urgentes e descreve seus objetivos a partir da escrita do diário: ganhar dinheiro para mudar de vida. Preta se vê refletida em Angela Davis ao mesmo tempo em que esse encontro permite que perceba a conexão com toda a ancestralidade. A ambição de Preta parece ser de cunho sociológico, quer ir além de um momento presente, quer resgatar histórias, a sua e a de outras mulheres como elas.

Aqui, novamente devemos pensar nos caminhos trilhados por escritoras negras. Carolina objetivava sua sobrevivência, Preta objetiva ser uma das vozes que representa a população negra. Para que Preta Ferreira e diversas outras mulheres de nosso tempo possam ter um propósito maior, outras vieram antes delas e ainda outras virão. Preta luta justamente pelas Carolinas, pois ela mesma já foi uma.

Descobri na pele que a abolição é uma farsa - e descobri isso sendo torturada, sendo punida por fazer a revolução acontecer, porque lutar por direitos

constitucionais é fazer revolução. Em 108 dias de prisão, vivi muitos anos, vivi muitas coisas que não desejo a ninguém. (FERREIRA, p.217, 2020)

Nascimento (2020) coloca que Carolina consegue concretizar o seu ideal material, pois a publicação do seu livro lhe permite comer e ter uma casa de alvenaria (nome da sua segunda obra). Da mesma forma, faz acontecer seu ideal simbólico, pois para além de sair da zona de extrema pobreza, tinha como sonho ser reconhecida como escritora e hoje, tanto tempo depois, é um importante nome da escrita feminina negra.

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. E só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (JESUS, p.19,2001)

Há um grande desgosto de Carolina por residir na favela. Isso porque ela transitava diariamente entre os dois espaços - a favela e o centro - e percebia o quanto o segundo era favorecido pelo poder público e recebia o que o primeiro jamais teve. Por isso, sair da favela era uma forma de romper com o ciclo de pobreza e miserabilidade que os seus estavam condenados a continuar.

É possível estender essa leitura para os escritos de Preta, pois a mesma também possuía um objetivo material e simbólico: o material, seria a sua liberdade e denúncia das injustiças por meio da escrita. Já o seu ideal simbólico, seria colocar para o mundo, a representatividade do que a sua prisão representava: ser mais um caso de prisão, ocorrido por conta de injustiças, mentiras e descaso com a população negra e pobre.

Nesse sentido, Nascimento (2019) explica que “[...] a raça é um lugar de sofrimentos discursivos e se impõe através dos discursos no momento em que os corpos são racializados e as dores e mágoas são produzidas.” (NASCIMENTO, p.47, 2019). É o que vemos em cada linha dos dois diários aqui analisados, corpos negros em sofrimento, mentes de mulheres negras ocupadas em organizar denúncias e em sonhar com mudanças.

Os diários das autoras Carolina e Preta, para além das palavras escolhidas por elas para escrevê-los, ou das normas que decidiram utilizar a fim de atingir seu público, possuem um importante diferencial: seus discursos. O que cada um dos textos nos fala é muito importante. A intenção de cada trecho narrado e os sentimentos por

eles despertados é o que fazem esses diários serem textos ricos em literatura de denúncia social. “Estão exterminando os pobres, matando o povo, e não só no genocídio cometido pela polícia. Há o genocídio social, o genocídio dos excluídos, a herança da escravidão”. (FERREIRA, p.154, 2020).

Carolina morou em um local de grandes conflitos sociais e desigualdades. Em seu dia a dia a tensão, as brigas e as discussões faziam parte da vida dos favelados. Preta também conviveu em um ambiente hostil, onde precisava estar atenta a tudo que fazia e falava. Seus relatos apontam as realidades dos ambientes em que viviam e de onde ambas almejavam sair, não por vergonha, soberba ou arrogância, mas sim, por ser a vontade de todos que estão nessa situação, esquecidos pelo poder público que privilegia um grupo e uma cor.

Não é o pobre que gosta de viver na pobreza e na fome, mas sim o governo e a população das classes mais abastadas e racistas que insistem em deixá-los nesta situação, aquém das políticas de acesso aos bens e serviços. Como bem colocado por Hasenbalg (1982), a raça é um atributo social que ainda funciona como critério para a distribuição das pessoas nas hierarquias sociais. Não são os e as presas negros e negras que gostam de estar na cadeia, mas sim, são as instituições e a legislação que favorecem o encarceramento em massa dessas populações, quase sempre sem poder de defesa. Em qualquer dessas situações, a intenção é manter longe dos espaços tidos como civilizados, as populações não-brancas e pobres, mesmo que estas tenham tantos direitos quanto o restante da população. Isso é um projeto que, infelizmente, desde sempre está em vigor e contra o qual, muitas Carolinas e Pretas precisarão ainda lutar pelos seus sonhos e por um futuro mais digno.

...Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso.

Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, porisso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos. (JESUS, p.107, 2001)

6.5 A liberdade do ir e vir e a liberdade da existência

Os diários de Carolina e Preta envolvem o leitor nas suas dores, desejos, tristezas e raivas, e em todos os sentimentos que a escrita de um diário pode revelar; uma escrita que de íntima e individual, é compartilhada com o coletivo. Permeando as linhas escritas, há sempre um propósito e uma mesma vontade, que aproxima mais uma vez as suas histórias: a liberdade. Silva (2017) destaca que a narração sobre si mesmo parte da consciência da singularidade e individualismo, onde o sujeito se coloca a ser contemplado pelos demais (leitores). Nesse sentido, na busca pela liberdade, as narrativas de Carolina e Preta se desenvolvem a partir de um ponto de vista pessoal, sobre cada uma falando de si, contudo se aproximam do leitor porque suas vivências extrapolam o plano individual e representam os dramas de tantas e tantas outras mulheres como elas.

É recorrente nos diários aqui analisados as brigas e desentendimentos de Carolina com seus vizinhos, assim como quando Preta se coloca individualista, mesmo que ajude diversas das reeducandas que teve contato. Ou seja, essa singularidade em que se colocam, por vezes faz parte não somente da sua escrita, como também em suas relações com os demais, ao mostrarem-se egoístas.

Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou imprecisar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! (JESUS, p.13, 2001)

Ou você chega junto, ou fica no seu canto. Todos aqui entraram só, então dá para levar outro nas costas. Eu já dei uns toques desses em duas companheiras que entraram na mesma época que eu. Elas dão umas mancadas que, se estivessem em outro lugar, seriam o motivo de sua [...] O problema é que eu não sou mãe delas nem sou da família, não tô aqui pra cuidar de ninguém, já me bastam os meus problemas. (FERREIRA, p.80, 2020)

A maneira como mencionam a relação com os demais, aqui, pode revelar a recusa que ambas têm em pertencer àqueles espaços, onde nenhuma das duas quer estar ou quer fazer parte. Assim, afastar-se dos que ali estão, é um modo de defender-se, de dizer que não pertence. Percebemos estas atitudes como uma forma de proteger-se, ao mesmo tempo em que falam a verdade de forma crua sobre a sua própria vida (SILVA, 2017). Duas mulheres negras, que sentiram na pele a pobreza, sabem o que é não ter um lugar para chamar de casa, mas ter as desigualdades como parte das suas histórias. Mesmo que ambas possuam histórias de vida distintas são

narradoras-personagens que abrem as portas de seus quartos de despejo para que seja possível aos leitores conhecer suas narrativas e realidades. Rocha (2020) explica que, por conta da economia liberal, há um desmonte dos sistemas de proteção social, assim como ocorre o agravamento dos impactos sociais que atingem, principalmente, a população negra e pobre, visto que o racismo faz parte dessas mudanças.

Eu ia sair, mas estou tão desanimada! Lavei as louças, varri o barraco, arrumei as camas. Fiquei horrorizada com tantas pulgas. Quando eu fui pegar água contei para a D. Angelina que eu havia sonhado que tinha comprado um terreno muito bonito. Mas eu não queria ir residir lá porque era litoral e eu tinha medo dos filhos cair no mar. (JESUS, p.120,2001)

O racismo mata mais que a pandemia; e a pandemia é um braço dessa necropolítica inventada para nos punir por sermos pretos. Quem Disse Que pena de morte no Brasil não existe está mentindo. A pena de morte sempre existe nas favelas e periferias, já tem destino certo, corpos pretos. Agora, nas favelas nas periferias é onde se concentra a maior parte dos atingidos pela covid. (FERREIRA, p.218, 2020)

Tanto uma quanto a outra percebem e analisam suas realidades. Enquanto a primeira sonha com um mundo melhor e, para isso, precisa suspender sua condição de miserabilidade, a outra faz desse momento de suspensão da vida, um tempo para reflexão mais aprofundada, teorizando acerca do que vê e sente. Parece que o que Preta discute diz respeito diretamente ao que Carolina vive e relata em seu diário. Há um diálogo atemporal entre elas, mesmo que, na maioria dos casos, silenciado historicamente e normatizado socialmente.

Para Carneiro (2011), um país para todos, com igualdade, precisa romper com os silenciamentos históricos que apenas mascaram as desigualdades que ainda são vividas. Diz ainda que a “Pobreza tem cor no Brasil. E existem dois Brasis”. (CARNEIRO, p.57, 2011). Assim como Carolina foi uma mulher negra, seus vizinhos da favela do Canindé também eram, na grande maioria. A cor fazia parte da pobreza (e ainda o faz), construindo um grupo quase homogêneo quando se pensa nas classes baixas. Preta permaneceu em um espaço onde a maioria da população é negra, quando falava na prisão em geral. Contudo, também lá, na prisão, há espaços privilegiados e estes eram ocupados na sua maioria por pessoas brancas. Por conta de sua escolaridade, ela era uma das poucas mulheres negras nas celas especiais.

Já no pavilhão, a massa das negras é como se fosse um navio negreiro, eles jogam todas juntas, amontadas, e ainda tentam fazer com que nos olhem feio ou achem ruim e estranho sermos separadas, fazendo parecer que somos melhores que elas. É o que eles fazem passar: na inclusão logo gritam

‘especial’ e falam o seu nome. Até a hora que isso dá em tragédia. A questão é que estudamos e conseguimos burlar o sistema falido e opressor. (FERREIRA, p.66, 2020)

A intertextualidade que Preta faz aponta para um conhecimento acadêmico que Carolina não tem. Ela vê e sente a dura realidade à sua volta e sabe que como ela, sempre existiu e ainda há uma legião Carolinas, porém lhe falta “o estudo para burlar o sistema falido e opressor de que fala Preta”.

A busca pela liberdade, em diversos âmbitos, faz parte da história da humanidade, mas, especificamente aqui, pontuamos essa luta na história das mulheres negras. Angela Davis em *Mulheres, raça e classe* (1981), traz presente a luta de Sojourner Truth, na busca pelos direitos das mulheres nos Estados Unidos, durante a onda do sufrágio, onde as mulheres negras não foram ao menos reconhecidas como mulheres e precisaram buscar pela sua liberdade política e direitos:

O fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher. E, como mulher negra, sua reivindicação por direitos iguais não era menos legítima do que a das mulheres brancas de classe média. (DAVIS, p.74, 1981)

Assim, a luta racial e das mulheres sempre foi, e ainda é, uma questão mundial. A busca pela liberdade no aspecto físico, para sair da prisão injusta e a busca pela liberdade social, para sair da zona de pobreza, é a realidade de diversas mulheres no Brasil e no mundo. Trata-se de esta ser uma luta constante pela própria sobrevivência e pela sobrevivência de todas as mulheres. Essa luta é moral e física, pois os espaços também fazem parte das desigualdades.

Acredito que essas mulheres nunca tiveram o respeito da sociedade, nunca foram enxergadas, e na vida do crime elas foram vistas, obtiveram o respeito merecido. Quem empurrou essas mulheres para o crime foi a própria sociedade e seu modelo de exclusão; ninguém nasce criminoso, mas a falta de oportunidade, de amor e de compreensão cria criminosas. (FERREIRA, p.153, 2020)

...Hoje é o dia da páscoa de Moisés. O Deus dos judeus. Que libertou os judeus até hoje. O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite. E o judeu porque é inteligente. Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhe conforto e riquezas. É por isso que os judeus quase todos são ricos.

Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós. (JESUS, p.107-108, 2001)

As reflexões de Carolina, aqui, apontam para a intertextualidade com a história bíblica. Ela pode não conhecer poetas e textos literários consagrados que trouxeram a temática do negro para a literatura, como Preta teve acesso, porém as histórias bíblicas fazem parte de seu mundo e relaciona com sua realidade.

A liberdade do espaço, o ir e vir, está presente nas vontades de Carolina e de Preta. Carolina sonhava com a sua liberdade social; em libertar-se da pobreza, da fome, das desigualdades, através da sua escrita. Residia na cidade de São Paulo e transitava entre o centro e a marginalidade periférica; tinha como direitos assegurados a opressão, a fome e a falta de esperança, onde uma moradia digna (Tatagiba et. al, 2012) nos centros, não seria somente um local para residir, mas também seria um meio para a conquista de outros bens, como emprego digno, transporte, saúde básica e educação. Seu ir e vir se desloca do quarto de despejo à sala de estar, mas sem que pudesse permanecer ali, pois não era o seu espaço de moradia, assim como não era seu espaço de permanência. Carolina, assim como os demais favelados não são bem-vindos nesses lugares, pois lembram à sociedade que a pobreza existe.

Entramos num taxi. A Vera estava contente porque estava de carro. Descemos no Largo do Arouche e o repórter começou fotografar-me. Levou-me no prédio da Academia Paulista de Letras. Eu sentei na porta e pui o saco de papel a esquerda. O porteiro apareceu e disse para eu sair da porta. (...) O porteiro pegou o meu saco de catar papel, o saco que para mim tem um valor inestimável, porque é por seu intermédio que eu ganho o pão de cada dia. O repórter surgiu e disse que foi ele quem me mandou eu sentar no degrau. (JESUS, p.145, 2001)

A limpeza dos espaços públicos ou privados passa pela invisibilidade da pobreza e da miséria, ainda mais acentuada quando ela tem a cor preta. Por isso, desde sempre este grupo possui um lugar que lhes cabe para habitar: o espaço da periferia, longe do centro. As capitais brasileiras fazem de tempo em tempo campanhas aporofóbicas que tratam de expulsar de viadutos, igrejas e praças pessoas em situação de miserabilidade. No caso de Carolina, o simples fato de se aproximar de um lugar que a sociedade decidiu que não era dela bastou para sofrer essa discriminação. Novamente Tatagiba et. al (2012) explicita que nem todas as pessoas concordam que as ocupações de prédios vazios nos centros das cidades sejam feitas pelas pessoas pobres. É visível que esses espaços vazios devem ser preenchidos por quem não tem residência ou reside em locais indignos, mas essa ideia ainda precisa ser construída por meio de argumentos que demonstram essa necessidade.

Dentro da prisão, Preta circulava entre a cela e o pátio ou o salão presidencial - era como chamava o espaço para entrevistas. Após às 15 horas, horário da tranca, seu espaço se limitava entre a cama e as grades, até a reabertura, no dia seguinte. O quarto de despejo de Preta era a sua cela e a sala de visitas era o salão, onde sua presença só era permitida pela equipe técnica – os senhores – quando fosse dar entrevistas, receber visitas importantes e, então, o lugar deveria causar boas impressões (como se isso fosse possível!). Fora das grades ou dentro delas, os negros, a partir da ótica social de grupos raciais, são realocados em espaços pequenos, sem acesso à higiene básica e com atendimentos à saúde precários. Correlativamente a isso, são submetidos à opressão social pela polícia e inúmeras formas de repressão sem qualquer controle por parte do governo (GONZALEZ, 1982). Ou seja, a sujeição da população marginalizada é um dos meios de segregação racial e espacial.

Quinze minutos para às 19h, e já nos damos boa-noite umas às outras. Quando ouço o barulho da tranca, dá uma tristeza no coração, mas ao mesmo tempo sinto esperança. Fecho meus olhos e levo meus pensamentos ao horizonte, para um futuro que é certo que chegará. Procuo não me desesperar nem angustiar, pois se eu cair aqui vai tudo por água abaixo. (FERREIRA, p.151, 2020)

Mesmo que ambas as autoras aqui estudadas sofram inúmeras formas de preconceito e violências, quando observada sua relação com o espaço, notam-se algumas diferenças. Carolina possui, em certa medida, o que podemos chamar de liberdade territorial e, no caso de Preta, uma limitação de território. Em contraponto, a segunda possui maior liberdade social do que a primeira, por ser ouvida por diferentes grupos, desde o início de sua prisão. Pelo fato de ter acesso a pessoas de prestígio, suportava as dores da reclusão sabendo que o fim desse sofrimento estava cada vez mais próximo de acabar, pois receberia auxílio, seu caso ganhou visibilidade internacional. Já Carolina sonhava, esperava, refletia sobre sua condição, mas certeza não tinha de nada, pois sua condição de mulher preta, pobre e sem instrução lhe condenava e designava a ocupação do espaço social da miséria e fome. Carneiro (2011) coloca que o racismo e sexismo asfixiam socialmente as mulheres negras, de forma negativa em suas vidas, chegando até mesmo nos aspectos sociais e mentais. O que a vida de ambas carrega, é a injustiça e mazelas do racismo.

O que se percebe, então, é que Preta buscou a libertação do ciclo de pobreza e miséria delegado a pessoas como ela através da educação e das relações que

construiu com os movimentos sociais e políticos. Assim, abriu caminho no espaço central da cidade, e colocou-se como sujeito de direito daquele local e esse foi o principal motivo de seu encarceramento. Estes são os mecanismos utilizados pelos poderosos para tentar conter os avanços sociais das ocupações de moradores: prisão, morte e despejo. Nesse sentido, Hasenbalg (1982) explica que a essência do racismo está na negação parcial ou total da humanidade ao sujeito negro. Negar o direito de ir e vir, de moradia, de sobrevivência é mais uma forma de negar a humanidade para alguém.

Carolina tinha a liberdade de ir e vir do centro à favela, porém, não permanecia nos espaços centrais. Essa permanência era negada, por não ter condições de manter-se ali, visto que o pouco que ganhava catando papel e metal, era para sobreviver. Sem ter garantia de que ela e seus filhos teriam o que comer por um período mais longo, ou mesmo para pagar as poucas horas diárias de energia elétrica que era permitido utilizarem, a permanência na favela era inevitável.

E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendiei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...). (JESUS, p.10,2001)

A revolta de Carolina é constante e perpassa cada página. Está presente tanto na relação com os vizinhos, com a sociedade, mas com ela mesma. Por vezes parece desanimar e não acreditar em uma mudança e apenas segue na engrenagem do sistema.

É possível perceber, então, que a(s) liberdade(s) almejadas pelas duas escritoras negras que aqui trazemos para debate se complementam. Trata-se da liberdade de poder circular entre os espaços da cidade, da liberdade do poder de compra, do poder social que garante voz para si e para seus iguais, da liberdade de poder se alimentar bem como a liberdade de poder sonhar.

Nesse sentido, cabe trazer a fala de Nascimento (2022, p.60), que diz: “De gente humilde, racializada, e marginalizada, são retiradas todas as ferramentas para criarem e produzirem suas próprias narrativas [...]”. Esse é o objetivo de Carolina, de Preta e de tantas pessoas negras em nosso país: criarem suas próprias narrativas, serem porta-vozes de suas histórias.

Assim, Preta Ferreira fala que é necessário “criar ‘mais militantes de nível superior e menos heróis’. Heróis vão presos ou mortos nas mãos dos genocidas [...]”. (FERREIRA, p.66, 2020). A existência de mulheres corajosas como Carolina e Preta, bem como o reconhecimento que possuem enquanto escritoras protagonistas de uma trajetória de lutas, de sofrimentos e, principalmente, de resistência são, sem dúvidas, mais um capítulo da história de um povo e se constituem como vozes capazes de levantar uma militância consciente de si e dos seus pares.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Carolina Maria de Jesus e Preta Ferreira descortinaram para o mundo as suas vidas e as suas experiências de forma a compartilhar o que passaram, deram esperança a todas as outras pretas a fazerem o mesmo. Ainda que a escrita da primeira delas tenha aberto caminho em nossa literatura, o que vemos é um andar ainda em passos lentos. Preta representa a continuidade e a esperança de que a voz das mulheres negras não pode se calar.

O que este trabalho de pesquisa buscou reforçar é que as palavras de Carolina, que se vale da escrita para a sua libertação, são importantes registros da sua vida, mas também daqueles moradores da favela do Canindé. Por meio do diário contou a sua história de sobrevivência, mas também registrou como é a vida de um favelado e todas as piores desigualdades que podem sofrer. A fome, tão presente, por muitas vezes, torna-se um personagem da narrativa; é a inimiga diária para sobrevivência, mas também, é uma arma nas mãos dos poderosos e daqueles que vão contra a população: “Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar-se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer” (JESUS, p.55, 2001). A alimentação, que deveria ser direito básico de qualquer pessoa, transforma-se em fome. Carolina reclama, denuncia, resiste e sonha. Sua escrita é, também, sobre sonhar. Na maioria das vezes deposita esperança em sair da favela, mesmo que não saiba exatamente como.

Preta Ferreira, exemplo de ativista de nossos tempos, faz jus a sua luta, colocando em palavras tudo que vivenciou e observou durante a sua prisão. Por meio de sua escrita, é possível compreender as injustiças que as mulheres, e principalmente mulheres negras, enfrentam durante a vida e quando, infelizmente, precisam encarar os demônios dentro das grades. Por viver a luta da população pobre e negra em seu dia a dia, a injusta prisão de Preta demonstra mais ainda as injustiças do nosso país.

Assim, o que esse estudo demonstra é que seja nas favelas ou nas prisões, nas senzalas ou nos navios, o racismo e o genocídio continuam segregando a população em nosso país. A luta de Carolina e Preta, assim como a escrita de suas narrativas, são instrumentos de revolta contra o apagamento da história da população pobre e minorizada. Estes registros, sempre serão parte do que não pode ser esquecido, do que precisa ser lembrado, para que a luta e a busca pela justiça social

não seja abandonada. A literatura negra, as palavras que surgem de mãos escuras, cansadas, são a nossa história e esta não pode ser apagada.

Assim, como mulher preta que sou, trago presente o que Angela Souza e Júlia Alves apresentam como verdade para nossa luta por visibilidade e respeito, em *Vozes Mulheres* (2022). Dizem as autoras que é preciso criar um movimento de mulheres, que seja mudança, que carregue memórias, ações e lutas, por meio das “negras palavras tecidas” (p.11). Assim, trazer os registros dessas duas grandes mulheres negras, Carolina M. de Jesus e Preta Ferreira, representantes da luta pela sobrevivência em um mundo injusto, branco e patriarcal, significa juntar-se a elas na certeza de que precisamos dar um basta no costume de outros falarem sobre nós. É hora de nós mesmos escrevermos nossa história.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 176 p.

BAKHTIN, Mikhail. O todo semântico da Personagem. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética e criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Cap. 4. p. 127-171. Paulo Bezerra (tradução).

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2015. 288 p.

BASTOS, Gilda de Almeida. **O gênero diário como expressão emocional**: um incentivo à prática da escrita. 2021. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Mestrado Profissional em Letras, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. Revista **Estudos Históricos**, v. 11, nº 21. p. 44-58. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071>. Acesso: 23 de maio de 2022.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2001. p. 169-193.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. -, n. 44, p. 271-288, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184412>.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?**. Tradução de Marina Vargas. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução Heci Regina Candiani.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. In: EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2021. p. 24-25.

FERREIRA, Preta. **Minha Carne**: diário de uma prisão. São Paulo: Boitempo, 2020.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018. MATTAR, João. **Metodologia científica na era digital**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**: de Rousseau à internet. 2. ed. Belo Horizonte: Ufmg, 2014. 404 p. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. Cap. 1. p. 19-36.

MATTOS, Mayara Ferreira. A cor do medo em um território inimigo: a “fundada suspeita” enquanto dispositivo regulador da violência policial e consequente extermínio de pessoas negras no aglomerado da serra/belo horizonte/mg. In: ENCONTRO NACIONAL DE ANTROPOLOGIA DO DIREITO, 7., 2021, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Uff, 2021. p. 1-15.

MORETTO, Leonardo de Souza. **Prisões políticas**: uma análise do uso do processo penal para a criminalização dos movimentos por moradia popular no processo-crime

nº 0066250-35.2018.8.26.0050/sp. 2021. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Direito, Centro de Ciências Jurídicas, Ufsc, Florianópolis, 2021.

NASCIMENTO, Daniela de Almeida. **Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência**. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Ciências e Letras, Conselho, Programa de Estudos Literários, Unesp, Araraquara, 2020.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124 p.

NEUHOLD, Roberta dos Reis. **Os movimentos de moradia e sem-teto e as ocupações de imóveis ociosos**: a luta por políticas públicas habitacionais na área central da cidade de são paulo. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Usp, São Paulo, 2009.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para f..., negra **para trabalhar**”: Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em salvador, bahia. 2008. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2008.

PAULINO, Jorge. **O pensamento sobre a favela em São Paulo**: uma história concisa das favelas paulistanas. 2007. Dissertação (Mestrado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.16.2007.tde-17052010-111743. Acesso em: 2022-07-06.

PAULO, Paula Paiva. **Pessoas buscam ossos de carne na caçamba de descarte do Mercado, Centro de SP**. 2021. Elaborado por G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/08/pessoas-buscam-ossos-de-carne-na-cacamba-de-descarte-do-mercadao-centro-de-sp.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2022.

PRETA Ferreira. Disponível em: <https://www.movimentosemtetodocentro.com.br/preta>. Acesso em: 15 maio 2022.

PROFESSOR diz que obra de Carolina Maria de Jesus não é literatura e provoca embate no RJ. 2017. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/professor-diz-que-obra-de-carolina-maria-de-jesus-nao-eliteratura-e-provoca-embate-no-rj/#:~:text=embate%20no%20RJ-,Professor%20diz%20que%20obra%20de%20Carolina%20Maria%20de%20Jesus%20n%C3%A3o,e%20provoca%20embate%20no%20RJ&text=A%20Academia%20Carioca%20de%20Letras,o%20livro%20%E2%80%9CQuarto%20de%20despejo%E2%80%9D>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PUENTE, Beatriz. **ONU pede que autoridades apurem morte de homem em viatura da PRF.** 2022. Elaborado por CNN. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/onu-pede-que-autoridades-apurem-morte-de-homem-em-viatura-da-prf/>. Acesso em: 30 maio 2022.

ROCHA, Andrea Pires. Segurança e racismo como pilares sustentadores do Estado burguês. **Argumentum**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 10-25, 24 dez. 2020. Universidade Federal do Espírito Santo. <http://dx.doi.org/10.47456/argumentum.v12i3.32628>.

ROSA, Carolina Schenatto da; SILVA, Gilberto Ferreira da. **Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira.** Revista Estudos Feministas, São Leopoldo, v. 28, n. 2, p. 1-32, jan. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260635>.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; DIOGO, Maria Fernanda; SHUCMAN, Lia Vainer. Entre o não lugar e o protagonismo: articulações teóricas entre trabalho, gênero e raça. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Carlos, v. 17, n. 1, p. 17-32, 2014.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; DIOGO, Maria Fernanda; SHUCMAN, Lia Vainer. Entre o não lugar e o protagonismo: articulações teóricas entre trabalho, gênero e raça. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Carlos, v. 17, n. 1, p. 17-32, 2014.

SILVA, Ana Cláudia de Oliveira da. As escritas de si e a emergência da autoficção: um campo de indefinições. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, v. -, n. 20, p. 158-174, 13 jul. 2017. Universidade Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/1679849x27984>.

SOUZA, Angela Maria de; ALVES, Júlia Batista; RAMOS, Flavia Regina Dorneles (org.). **Vozes mulheres da América Ladina.** São Paulo: Dandara, 2022.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. Tradução Stephanie Borges.

SUDRÉ, Lu. "**Onde está a Justiça?**", diz Preta Ferreira, presa há mais de 70 dias sem provas. 2019. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2019/09/09/onde-esta-a-justica-deste-pais-diz-preta-ferreira-presa-ha-72-dias-sem-provas#:~:text=Detida%20na%20Penitenci%C3%A1ria%20Feminina%20de,n%C3%A3o%20voltou%20mais%20para%20casa..> Acesso em: 20 maio 2021.

TATAGIBA, Luciana; PATERNIANI, Stella Zagatto and TRINDADE, Thiago Aparecido. **Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de ação do movimento de moradia de São Paulo**. Opin. Publica [online]. 2012, vol.18, n.2, pp.399-426. ISSN 0104-6276. <https://doi.org/10.1590/S0104-62762012000200007>.